O Cruzeiro
Revista Semanal Illustrada
1$
OROZIO BELEM _ 30

nota V. S. a differença?

Este desenho mostra o pistão de um automovel cuja lubrificação é feita deficientemente, devido ao emprego de oleo inferior. Ha partes nesse pistão completamente a descoberto, pois o oleo não tendo a necessaria cohesão não póde manter um vedamento perfeito.

Veja agora esse mesmo pistão lubrificado com oleo Swastika. O oleo Swastika com sua alta cohesão forma uma pellicula uniforme e mantêm um constante e perfeito vedamento entre o pistão e as paredes do cylindro.

Poucos proprietarios de automoveis avaliam o quanto é imprudente usar um oleo que não mantenha um constante vedamento entre o pistão e as paredes do cylindro. Os oleos inferiores causam attrito e permittem que particulas não queimadas de gasolina passem entre o pistão e as paredes do cylindro e penetrem no carter, diluindo-os e roubando-lhes as suas propriedades lubrificadoras.

Os lubrificantes SWASTIKA mantêm sempre e **invariavelmente** um perfeito *vedamento* entre o pistão e as paredes do cylindro.

Encha o tanque do seu carro com gasolina ENERGINA e V. S. notará immediatamente maior suavidade na marcha, facilidade na sahida, rapidez na acceleração e força nas subidas.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY LTD.

PROPRIEDADE DA EMPRESA GRAPHICA "O CRUZEIRO" S. A.
Director-presidente:
Dr. José Marianno (filho)
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS
152, Rua Buenos Aires, 152
Telephones { Redacção . . . 3 - 4208 / Administração 3 - 4209 }
Endereço teleg. CONSTELAÇÃO

O Cruzeiro

Revista Semanal Illustrada

Direcção de Carlos Malheiro Dias

AGENCIAS EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL — CORRESPONDENTES EM LISBOA, PARIS, ROMA, MADRID, LONDRES, BERLIM E NOVA YORK

Succursal em S. Paulo — EQUATOR LDA. — R. S. Bento, 36 — Telephone 2 - 6365

ASSIGNATURAS
Territorio nacional
Um anno.......... 45$000
Seis mêses.......... 25$000
Registrada
Um anno.......... 66$000
Seis mêses.......... 34$000
ESTRANGEIRO
Um anno.......... 60$000
Seis mêses.......... 35$000
Registrada
Um anno.......... 95$000
Seis mêses.......... 48$000
Numero avulso 1$000

ANNO II — Rio de Janeiro, 5 de Abril de 1930 — NUMERO 74

O Brasil de Olhos de Amendoa

Por Humberto de Campos da Academia Brasileira

(Especial para "O Cruzeiro")

TELEGRAMMAS e jornaes do norte do pais trazem noticias, volumosas e constantes, do surto que ali vae tendo, especialmente na região amazonica, a immigração japonêsa. As capitaes enchem-se, pouco a pouco, de figuras meúdas e ageis, de rostos largos e chatos como os dos nossos indiginas primitivos, que se parecem remotamente comnosco e a cuja cabeça, de cabelo duro e aparado, a imaginação prende, para effeito de identificação, o aspero rabicho mongol. Mesmo no sul, esses pequenos typos de apurada urbanidade vão-se tornando communs. E cada navio que atravessa o canal de Panamá e desce o Atlantico, atravessando o Equador; cada "marú" que deixa Osaka ou Yokoama com destino ao Brasil, é para nos trazer mais alguns milhares de hospedes com a mesma cara, e que só não temos a idéa de que são muitos porque os que vemos hoje nos parecem, sempre, invariavelmente, aquelles que vimos na vespera.

Em um curioso estudo sobre os anões e duendes do norte da Europa, conta Paul Saint-Victor um episodio occorrido, certa noite, no famoso cantão de Eulemburgo. As estrelas piscavam lá fóra, perseguidas pelas nuvens que vinham do mar do Norte, quando o conde despertou, de repente, no grande leito dos seus antepassados, surprehendido por um barulho continuo, como o de ervilhas que tombassem do tecto. Afastada a cortina, o velho castellão sorriu, tranquillisando-se. Eram os anões da região, pequininos como ratos, mas perfeitos como estatuas miniaturaes, que lhe iam pedir, respeitosos, a sala do castello, para um casamento que se devia realizar dentro de poucas horas. Um delles, vestido de arauto, de pregoeiro solenne daquella pequenina corte encantadora, deu alguns passos em frente e, agradecendo a permissão, convidou o conde para a festa.

E' preciso, entretanto, — accrescentou, em uma reverencia, o gracioso liliputiano, — que o senhor conde não se faça acompanhar. E' indispensavel que outra pessoa do castello não nos veja, sequer, com o canto do olho.

Momentos depois a festa começava. Lampadas pequeninas, semelhantes a vagalumes, foram suspensas em torno da sala, á altura, mais ou menos, do rodapé. Uma orchestra de grillos, escondida a um canto, iniciou uma aria embaladora e mysteriosa, que embebedava, como um vinho encantado, os ouvidos do conde. E os pares, alegres, felizes, quase invisiveis, atiraram-se a rodopiar sobre os tapetes, soltando gritinhos de enthusiasmo e contentamento, que faziam sorrir o generoso fidalgo allemão. De repente, porém, cessa a musica, as lanternas extinguem-se, e os convidados precipitam-se, em panico, fugindo por baixo das portas, pelo buraco dos ratos, pela fresta dos muros. O conde volta-se, e vê o motivo da debandada: atraz delle, enquadrado pelo reposteiro, estava o rosto risonho da condessa, despertada, áquella hora, pelo doce barulho da festa. Perturbado, o fidalgo dirige-se ao arauto, unica figura da corte dos anões que restava no salão, tentando desculpar-se. Era, porém, tarde: curvando-se em uma grande mesura, o interprete daquelle pequenino mundo agradeceu a hospitalidade de alguns minutos, estabelecendo, entretanto, uma prophecia, que se cumpriu por muitos annos:

—A nossa festa, conde, foi perturbada por vossa esposa. A vossa culpa, contribuindo para que olhos humanos, que não os vossos, nos surpreendessem, será, infelizmente, punida. A casa de Eulemburgo não terá, nunca mais, de agora em deante, sete membros vivos!

A Idade Media, estudada pacientemente, sob o seu aspecto mysterioso, pelo sumptuoso estylista dos "Hommes et Dieux", fervilhou dessas minusculas entidades fabulosas, dessas minusculas figuras de sonho e de legenda, que nos deixaram, no emtanto, algumas historias maravilhosas. De tamanho variavel, essas criaturinhas podiam ser tão pequenas, sem prejuizo da sua perfeição humana, que o papa Bento IX conseguiu, com o seu prestigio religioso, ter sete dellas, durante algumas semanas, dentro de um assucareiro. A esposa de um eleitor do Brandeburgo, igualmente caprichosa, possuiu um verdadeiro mundo de homunculos dessa familia, que ella casava, em crusamentos pittorescos e graciosos, como quem crusa delicados animaes de estimação.

Irmãos dos anões, e quase tão pequenos como elles, são, na Allemanha, os "kobolds", que Paul Sint-Victor apresenta e descreve em outro episodio lendario. Uma noite, — conta, — o senhor de um grande castello foi despertado por um pequeno rumor, na camara em que dormia. Suspeitando a presença de um "kobold", perguntou se era elle que fazia aquelle barulho. —"Sim, sou eu, — confessou o duende; — que desejas tu?" —O compartimento estava illuminado pelo luar; o castellão olhou para o lado de onde vinha a voz, e cuidou ver a sombra de um corpo de criança. Então, entra em conversa com o "kobold", e pede-lhe que se deixe tocar, o que este recusa. Teimoso, o castellão insiste, pedindo que lhe estenda ao menos a mão, para que veja se elle é de carne e osso, como um homem. —"Não, —diz-lhe o duende, — eu não tenho confiança em ti. Tú és perfido; poderias prender-me e não me deixar mais". O fidalgo jura que o não reterá e o "kobold" consente: —"Ahi tens a minha mão". O castellão toma-a, e parece apertar os dedos de um recemnascido. O homunculo retira-a, ligeiro, mas, solicitado de novo, consente em se deixar tocar no rosto. Dessa vez, porém, ao palpá-lo, o fidalgo pareceu sentir o craneo e as mandibulas de um esqueleto. O rosto não fez senão resvalar sob a sua mão, sem que elle lhe pudesse reconhecer a forma nem os traços. O que havia tocado, pareceu-lhe, entretanto, frio e descarnado, como a cabeça de um morto.

Os escriptores que têm imaginado o que são, ou devem ser, os habitantes da lua ou de Marte, concebem-nos, em geral, como criaturas quase sem sangue, em que o arcabouço do corpo sustenta, com difficuldade, a enorme bola do craneo. Universalisada a theoria do desenvolvimento do orgão pela continuidade da funcção, suppõem elles que os selenistas e, principalmente, os marcianos, são, hoje, uma especie de andaime fragil, um cruzamento de ossos, que lhes formam as pernas e os braços, sustentando, em cima, como as caixas dagua e os gazometros, uma grande esphera, em que funcciona a machina do pensamento.

Se assim é, e se, na verdade, a especie humana vae degenerando physicamente, sacrificando o corpo em proveito do espirito, eu acredito que os japonêses, com a debilidade apparente do seu corpo e a energia evidente da sua intelligencia, são, já, precursores da humanidade nova. Quem sabe se, dentro de dois seculos, ou antes disso, o homem nipponico, re-colonisador da America latina, não passará a constituir o padrão official do typo humano? Quem nos poderá dizer, mesmo, que a belleza brasileira dessa epoca, ou de outra menos distante, não virá a ser a mulher de narizinho chato, de tez côr de ócre, e, como celebrava, já, propheticamente, o sr. Alberto de Oliveira, "de olhos cortados á feição de amendoa?"

Nesse tempo, então, o "kobold" não será mais uma figura de lenda. Falar-se-á delle, historicamente, como de um avô...

ESTADIO

O jogo entre o VASCO e o SCRATCH da Amea
A victoria do VASCO por 4×1

Tres interessantes phases do jogo realizado no Fluminense F. C. entre o combinado da Amea e o 2° team do Vasco da Gama.

FOOTBALL – TURF
REMO – NATAÇÃO
BOX – ATHLETISMO

O JORNAL-REVISTA
DA
MOCIDADE
PARA A
MOCIDADE

TODOS OS DESPORTOS

A MAIS AMPLA REPORTAGEM PHOTOGRAPHICA E O MAIS COMPLETO E PALPITANTE NOTICIARIO

O

1.º NUMERO

DE

Estadio

O supplemento desportivo de O CRUZEIRO, que expuzemos á venda na ultima Quinta-feira, 3 de Abril, constituiu um acontecimento de tal modo auspicioso que este exito inicial assegura o triumpho immediato e definitivo do novo emprehendimento de O CRUZEIRO, que assim amplia e transforma numa edição independente a sua secção de reportagem desportiva, dotando-a com um vasto noticiario, que comprehenderá todos os aspectos da actividade desportiva nacional.

A necessidade de criar mais um orgão jornalistico exclusivamente dedicado aos desportos, capaz de acompanhar o surto prodigioso que os anima e que lhes imprimiu o caracter da maior affirmativa, varonil, vigorosa e saudavel manifestação da energia vital da raça, de ha muito se mostrava evidente á direcção de O CRUZEIRO, que acaba finalmente de pôr em pratica esse artigo do seu programma, desprendendo das suas paginas a secção *Estadio* e dotando-a de vida propria, como uma filha emancipada.

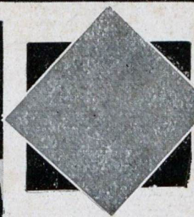
Muito calculadamente nos abstivemos de acompanhar o apparecimento do *Estadio* com o estridor do reclamo. Como um ensaio o apresentámos ao publico e o offerecemos á mocidade desportiva, seu natual patrono. A mocidade athletica o acolheu com as generosas sympathias que consagram, o adoptou como o orgão enthusiasta das suas aspirações, o plantou como uma bandeira nos seus campos de jogos.

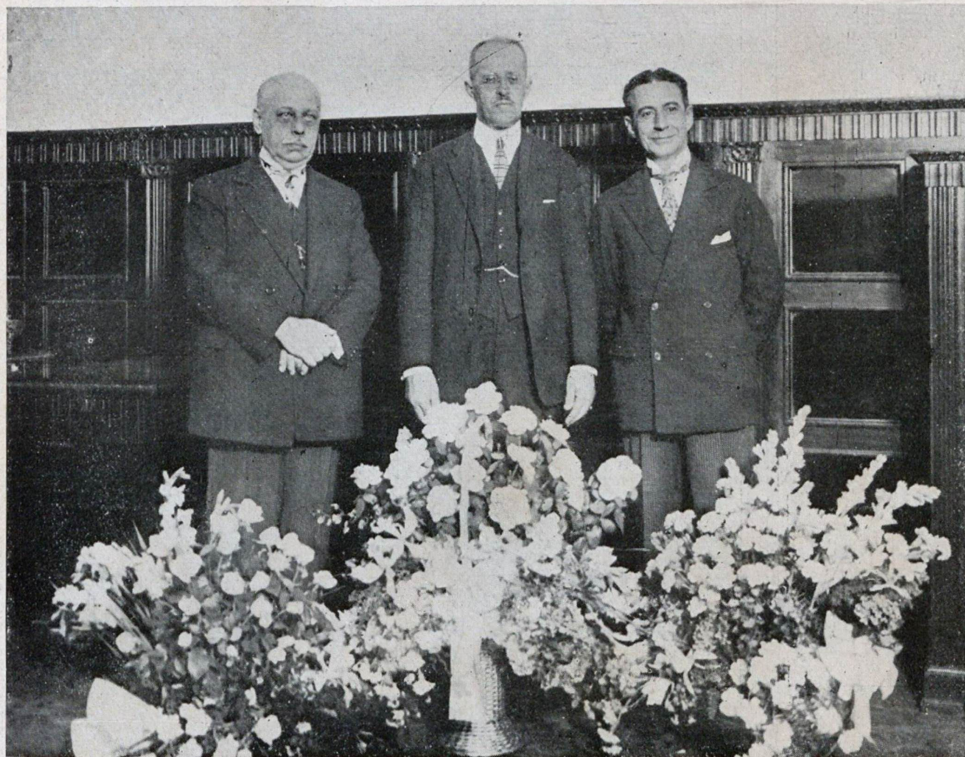
E' nas mãos dessa mocidade, que fez do desporto uma instituição avassaladora, que pomos os destinos do *Estadio*.

Nunca será demais accentuar que o primeiro numero de uma publicação que se destina a ser orgão noticioso da immensa e crescente actividade desportiva brasileira não pode considerar-se senão como um programma quase em esboço, que só o tempo, a experiencia e os incitamentos do exito irão desenvolvendo e aperfeiçoando. A perfeição não se improvisa.

Contando com a cooperação activa do nucleo de chronistas desportivos do *Diario da Noite*, que tão rapida e brilhantemente conduziram esse jornal á posição de um dos "leaders" do jornalismo na esphera dos desportos, o *Estadio* propõe-se a ampliar progressivamente todas as suas secções e abre as suas columnas á collaboração dos technicos, em todos os assumptos que se relacionem com a educação physica, de modo a interferir efficazmente na intensa propagação da pratica salutar dos desportos.

Desprendido de qualquer espirito de facção, orientado apenas pelos superiores interesses da actividade desportiva, *Estadio* applicará sempre ao exame e á critica dos vastos assumptos que vão constituir a sua especialisação esse criterio eminentemente desportivo da imparcialidade, que deve ser o codigo moral e cavalheiresco de todas as competições no terreno do desporto. E' em volta desse nobre principio que deverá congregar-se fraternalmente unida a grande familia desportiva, principio salutar que pairará acima das inevitaveis rivalidades circumscriptas ao campo da luta.

Figuras e Factos da SEMANA

Grupo de medicos, irmãs, internos e enfermeiros do Hospital Nossa Senhora do Soccorro, tirado quando do primeiro anniversario de sua inauguração, em Fevereiro ultimo. Ao centro, de cada lado da Irmã Superiora, vê-se o Dr. Alberto Figueiredo, director do Hospital, e o Dr. Brandino Correa, chefe da enfermaria de Cirurgia Geral e Urologia do mesmo Hospital — O Yankee Jazz-Band que ganhou a taça da "Gazeta de Noticias".—A inauguração do retrato do Sr. Bartont, Superintendente da Light, em seu gabinete de trabalho, naquella companhia. — Um aspecto do ultimo baile do Club de Regatas Gragoatá

A Nova Séde do BANCO DOS FUNCCIONARIOS PUBLICOS

Sob a benção solenne do bispo D. Mamede, foi inaugurado o novo e bello edificio do Banco dos Funccionarios Publicos, mandado construir por aquelle estabelecimento de credito, na rua do Carmo n. 39, com installações modernas e luxuosas. Nesta pagina "O Cruzeiro" reuniu alguns instantaneos dessa inauguração, vendo-se a directoria composta pelos Srs. Dr. Carlos Augusto Naylor, Matheus Martins Noronha e Antenor Silveira Castro; o sub-gerente Sr. Firmino de Abreu; o novo edificio do Banco; um grupo de funccionarios e um aspecto das pessoas presentes á inauguração

A Rainha das Normalistas foi coroada

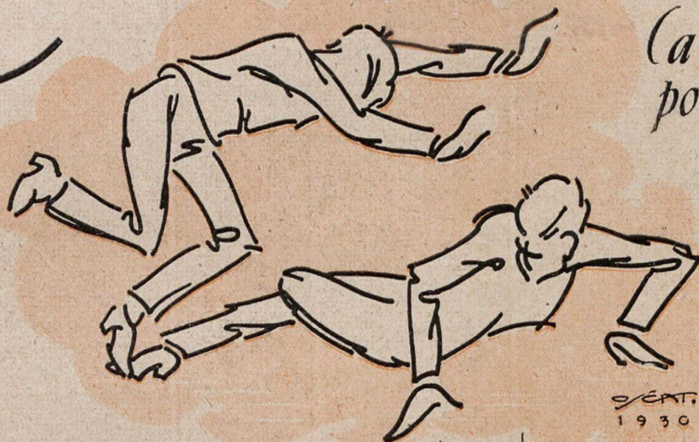
Aspectos da cerimonia da coroação da Rainha das Normalistas, senhorinha Grasiella CESELLI, no Instituto de Musica

"Quando llora la milonga..."

(a Victorino de Oliveira)

por Paulo Varzea

Especial para "O Cruzeiro"

Desenhos do Oscar

vamos jogá o jogo,... mas avôà, não!...

QUANDO a fuzarca está no auge... E, pode ser tambem, quando o fuso, o samba, a bagunça, vae quebrar...

Mas o que vem a ser fuso, fuzarca, bagunça? E' a gandaia dos que não entram nos cabaréts, da arraia miuda dos basfonds e das batotas, dessa trempe que forma o samba nas ruas, nos morros, gente do crime e da cadeia...

A roda fina faz farra, dedica-se a "la garufa..." A turma da malandragem chora na macumba ou "llora na milonga..."

A malandragem... Conhece o malandro? Malandro é o valentão, desordeiro, filho da classe inferior, da ralé, e tambem, da classe aristocrata e opulenta. Elle não vem sómente das viellas lobregas, dos morros, dos suburbios, dos casebres e dos cortiços da cidade; vem, igualmente, das ruas largas, das amplas avenidas, dos palacetes e bangalôs da alta sociedade. Tampouco é um privilegio do Rio, mas um producto natural, commum, das grandes cidades do mundo. Em Madrid, chamam-no de "chulo"; em Buenos Aires, de "carta-brava"; no Rio, de capoeira.

Nas varias modalidades de sua ligeireza e destreza physica, o capoeira sobrescede os seus rivaes. E' um acrobata prodigioso. Salta, desarticula-se todo para passar um tombo, para metter a cabeça, "caveirar"... E faz isso sem alarde, de repente, na surdina. Dois, tres, quatro golpes seus, simultaneos, successivos, continuados, embaraçam, confundem, atordoam e dominam o adversario. Inimigo leal, jamais ataca alguem pelas costas. E' um typo, de ordinario, valente, audaz. Alcunhado, tambem, de capadocio ou bam-bam-bam, o capoeira, como o proprio nome está dizendo, veio das capoeiras ao tempo colonial. E não foi apenas o vadio, o molecote, o desertor das casernas, o escravo evadido das fazendas: foi o jornalista, o advogado, o medico, o engenheiro, o deputado e o general! Eu sei de poetas e escriptores da Academia de Letras, que foram capoeiras temiveis... E ainda hoje são faladas as scenas de capoeiragem jogadas outrora no Rio, no antigo Café Londres, de madrugada, entre literatos, deputados, juizes, medicos e militares... Naquelle tempo, porém, a capoeiragem carioca era uma instituição devidamente organizada em partidos como os "guayamus" "nagoas", "flor da gente", "franciscano", "lusitanos", "monduros", "bocas-rasgadas", "caxingueles" "conceição da gloria", "conceição da marinha". Mas porque travassem diariamente nas ruas serios conflictos e porque estivessem constituindo serio perigo para a segurança publica, essas maltas foram energicamente combatidas por um proprio capoeira, o então chefe de policia dr. Sampaio Ferraz. Diminuidos nas suas proporções, os capoeiras hoje são raros e já não mais se dão a conhecer pelas maltas, mas isoladamente, pelo nome de baptismo. A terra natal, os bairros, a profissão, o defeito physico e moral passaram a influir na celebridade do malandro moderno: "Cardosinho da Saude", "Zé do Senado", "Prata-Preta", "Leão da Noite", "Camisa-Preta", "João Grande", "Hespanholito", "Galleguinho", "Mulatinho do Cattete", "Braço de Ouro", "Matte-Braço", "Az de Ouro", "Manduca da Praia", "Cabelleira", "Treme-Terra", "Cabo-Verde" e "Paulo da Zaza".

O capoeira não tem uma profissão certa, definida. Dahi chamarem-no de malandro. Comtudo joga e faz das suas habilidades de acrobata, da sua "disposição" o mesmo que faziam os espadachins no seculo XVII. Equilibrista consumado, põe suas façanhas a serviço dos magnatas, dos politicos, dos bicheiros, e especialmente dos donos das tavolagens, desde o club chic até a batota, desde os cabarets até os ranchos. Quer como jogador, quer como porteiro, elle é o defensor da espelunca, é o leão da chacara... Sua funcção ali é a de "barrar" outros malandros de "pinta" que porventura tentem penetrar ou "achacar" o club. Elles mesmos se policiam e se respeitam mutuamente. Por isso mesmo jogam a vida como se jogassem as cartas, num desprendimento de louco. E o resultado é que terminam invariavelmente, numa explosão de tragedia. Ha que mostrar as qualidades. —"Ou subo ou desço" — dizem referindo-se a ir para a cadeia "subir", ou morrer "descer"... Os malandros de facto prezam muito a fama que têm. Não querem ficar com a "carta suja", perder o prestigio... Geralmente fazemos uma idéa erronea a respeito do malandro. Temo-lo como um bandido. Entretanto, elle não é assim tão execravel. Ha que o conhecer para ve-lo como é na realidade. Não ha ninguem mais expansivo, gamenho, alegre! Quando é inimigo é feroz, mas quando é amigo é generoso demais. Dá a vida pela do seu amigo. Se este está preso, logo lhe arranja um advogado e constantemente o visita levando-lhe frutas, presentes: o (crivo) cigarro) o (papagaio) jornal. E para fazer isso empenha-se, não mede sacrificios, e até baratina o guarda da galeria (sobrado) onde fica a estancia (cubiculo) do companheiro preso. Tambem com esta mão com que faz o beneficio, faz o crime; e com a mesma habilidade com que faz o crime esta mão tange sentidamente o violão, chora as maguas, a saudade da infancia ou da cabrocha... Aquellas modinhas que as vezes ouvimos da cama, cantadas na rua adormecida e deserta são delle, o poeta serestero que recolhe ao "berço"...

O malandro é naturalmente um bohemio, um trovador. Da malandragem, só della, desfruta o provento com que mantem o dandysmo exotico em que vive. Já viram a indumentaria do malandro? E, curiosa: chapéu caido para traz ou sobre os olhos; na falta do collarinho um lenço ao pescoço á guisa de gravata; camisa de seda ou de chita; paletot bem talhado ou de outro; calças largas, bombachas, balão, caidas sobre os sapatos de pellica de bico fino com salto apionado ou de carrapeta; prendendo as calças á cintura, um cinto com fivellas complicadas escondendo a "sardinha" ou o "páu de fogo"... Assim vestido o malandro esta frajola, tem a herva, a grama, o dinheiro... Mal vestido está prompto, de tanga, a nenhum, limpo, teso... De qualquer modo elle não falta nunca á batucada ou ao samba. Batucada ou samba é um mixto de divertimento e escola, escola de malandragem improvisada nos terrenos baldios, nos recessos esconsos da cidade. Ahi abrigados da policia, os malandros formam a roda e iniciam o samba. O ritual é um sapateado marcado pelo batido dos pandeiros, pelo sacolejar dos chucalhos, e pelo coro dos sambistas cantando o Amor e a Morte... No samba tambem entram as mulheres. Puxar samba é jogar em verso galanteios ou satyras e um parceiro escolhido. Exemplo:

"Dá licença companheiro?
"Vou tirá esta pequena.
"Não se trata de dinheiro,
"Mas de coisa mais amena...
"Sou Arthur da Conceição,
"Tambem tenho coração...

O puxador corre a roda, trocando passes complicados, fazendo letras, presepatas... De repente pára deante do parceiro escolhido. Simula que vae dar um tombo e dá uma umbigada. Esta cerimonia chama-se "tirar". E' um preceito e um desafio pelo que cumpre ao desafiado ir substituir no centro da roda o desafiante. E o desafiado que no caso é mulher, sáe batendo com o salto das chinelas no chão, cadenciadamente. E, rebolando os quadris, mexendo as ancas, sacolejando os braços num retinir de pulseiras, a puxadora vae assim se defrontar outra parceira, justamente a mulher do home que antes a tirara para o samba. E, propositadamente atira-lhe estes versos:

"Tens um home bem falante,
"Valente e insinuante!
"Servia p'ra meu amante,
"Não acha? Tira um barbante...
"Sou Zazá de Deodoro,
"Sambista do tempo antigo,
"Vou deixá o Theodoro,
"E, teu home vae commigo...

Disposta a defender o seu "pedaço" a mulher do malandro entra p'ro samba "com o cão" no corpo, e bate o sujo na cabrócha saliente:

"Você qué tomá meu home?
"Mas meu home ôce não toma!
"Dá o fóra lobishome,
"Resto que a gente não come...
"Pyra, sáe da minha frente,
"Foge peste, corre e some...

péga essa banda, cabôclo!!!...

TIMOMETRO

Um romancista do seculo passado creou um typo de homem, excellente camarada, sempre adiando todas as resoluções, sempre sem dinheiro, sempre á espera de uma cousa que ha de vir para melhorar a situação. E' um typo conhecido por «Venha amanhã», cujo modelo se tem repetido e multiplicado. Em cada cidade ou aldeia, em cada escriptorio ou fabrica encontram-se varios exemplos do «Venha amanhã»: muito boa pessoa, mas sem dinheiro nos bancos, sem possuir um titulo ou acção de qualquer empresa, sem um seguro de vida, sem ter tentado a construcção de uma casa por prestações, tudo isso porque talvez nunca lhe ensinaram como guardar um tostão. Um homem ganha seis contos de réis por anno e despende 5:999$000. Os dez tostões que sobraram representam a felicidade. Si ganha seis contos e gasta 6:001$000 esses mil réis significam a miseria.

Para essa situação os economistas crearam um processo a que chamam orçamento.

O sr. «Venha amanhã» e seus imitadores preferem gastar o que ganham e esperar por *alguma cousa que ha de vir*. Para elles não ha limites de orçamento. E' verdade que não o orçamento propriamente, mas a renda é que regula o modo de viver. A estimativa das despesas é um incentivo para augmentar a renda, pois nos informa para onde vae o dinheiro antes que elle tenha ido e não depois de evaporado. A differença entre orçamento e contabilidade é que aquelle olha para a frente e esta, para as cousas passadas. Adopte-se uma base orçamentaria e ver-se-á logo como diminue a familia «Venha amanhã» ou dos que esperam por «Alguma cousa que ha de vir»; adopte-se um systema de estimativa e já se começa a ir para deante; já se começa a adquirir as boas cousas que sómente as economias podem comprar, inclusive a independencia financeira nos annos futuros.

A «SUL AMERICA», estando em contacto com cerca de 80 mil segurados, veio a constatar que não existia um plano simples para economisar. Muita gente deseja fazer economias, mas não sabe como. A SUL AMERICA organisou um systema muito pratico para medir despesas e calcular rendas.

timè - riqueza
metron - calculo

COUPON — A' Sul America - Caixa Postal 971 - Rio

Queira enviar-me GRATIS um TIMOMETRO.

Nome ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

O CRUZEIRO

De todas as brincadeiras do malandro, o samba é a mais moderada. Quando o tempo chega a ficar assim "preto" sempre surge um companheiro para desfazer as nuvens ameaçadoras com ironias como esta:

"Já vi muié e das pôca,
"Prepará o bom cosido.
"Já vi muié bate-boca,
"Mas brigá sério? Duvido...

E, deste modo todos os sambeiros passam pelo centro, cada qual demonstrando as suas habilitações. Tal é o samba.

Mas a batucada é differente. Nella não entram mulheres. Tomam parte somente homens. O modo de batucar é o mesmo. Apenas os batuqueiros ficam em posição de sentido, pés juntos, espreitando o puxador, cujos golpes são todos de surpresa, p'ra derrubar...

"O batuque é de arrelia,
"Na Saude e na Gamboa,
"Mas na Favella a Alegria,
"E' dansa de gente atôa...
"..

Côro:

"Mas da Favella a Alegria,
"E' dansa de gente atôa...

Subito o côro pára. Então o puxador atira o golpe: tesoura, rapa, bahu, cabeçada, susto, cama, bengala, fedegoso, chulipa, tombo de ladeira, rabo de arraia, lampeão... O parceiro que saiu fóra "entra p'ro cordão" e improvisa...

"Salta p'ra corrente, mulato!
"Tambem pulo como gato...
"Eu sou malandro de facto,
"E, não vou nesse barato!

E, tira um outro parceiro, que por sua vez canta:

"Tambem rezo nesse terço...
"Podes vir que te recebo!
"Criado no mesmo berço,
"De você? Não vou tê medo...

Novo parceiro e novos versos:

"Nada de intimidade!
"Você não é da amisade...
"Olha lá, que eu corro perto,
"E, de repente te acerto...

E, de par com as ameaças, as ironias...

"Gosto mais da Babylonia,
"Tópo tambem na Mangueira,
"Mas nas falas da Colonia,
"Eu prefiro a Geladeira...

Todavia a batucada mais perigosa, fatal mesmo, é a "batucada braba" ou surda, ora marcada pela musica, ora pelas pernas. A's pernas compete falar pelo individuo. Mas para entrar nessa batucada ha que ser malandro de facto e não de informações. Sendo uma reunião onde é posta em cheque a competencia do freguez, a ella, de ordinario, só acode a malandragem pesada, que por direitos de conquista, representa a força dos diversos reductos da cidade. Na batucada "surda" ou "braba" quando a musica fala as pernas ficam mudas... E, quando falam as pernas, a musica emudece. As pernas dizem o verso pelo puxador e jogam tambem a deixa. E, quando falam as pernas os olhos se accendem em lampejos de crystal... E' a hora das comidas brabas... da onça beber agua...

"Toma, seu Abobora!
"Repete, seu Chandas!

Tres, quatro golpes consecutivos riscam o ar, provocando um arripio nas espinhas. Afinal um corpo vacilla e tomba. Então o côro que está alerta, abafa a queda, entôando a meia voz, roucamente:

"Bolea,
"boleador...
"Bolear.

Entram novos batuqueiros e a scena se repete. Os corpos arquejantes vão exalando suor, e de mistura com o "bu-dum", espalha-se em redor o bafio quente da cachaça, chamada de "ventarola", se faz calor, e de "capote" se faz frio...

—Toma esse "bahú" e guarda n'elle os teus ôssos...
—Come essa "cocada" e vae dormí!.. Quando acordá me chama....

E, os vultos, as sombras, vão dansando em perspectivas apavorantes. A visão é a de uma scena de pantomima, numa paysagem pobre, a meio de uma ruela deserta, com ranchos em ruina e lampeões bruxuleantes, a cuja claridade livida os batuqueiros se agitam, cabriolam, rastejam, nervosos e espectraes como se fossem fantoches que dansassem e arfassem... Batucada braba, dansa da morte, "rendez-vous" do rebutalho da malandragem, reunião da escoria do jogo do dado, do sete e meio, do trinta e um, do vinte e um, e, da chapinha,—festa que faz esquecer, por instantes, os dias de fome e as noites de frio. E, emquanto a cidade dorme sob o velario de ouro das luzes, aquella musica monotona, rouca, lugubre, reboa lá no alto do morro, no fundo da rua deserta... Nesses reductos, a essas horas, a policia não vae... Quando apparece vae apenas para recolher os cadaveres com que a farandula da morte costuma saudá-la pelas manhãs...

A Penha, D. Clara, Madureira, Deodoro, Castello, Paula Cordeiro, Paula-Mattos, foram reductos tradiocionaes de batucadas. Mas hoje os sitios preferidos para essas reuniões são os morros do Salgueiro, S. Carlos, Mangueira, Capão, Pendura Saia, Urubú, Kerozene, Conceição, Paraizo, Pinto, Favella, e as estações de Braz de Pinna e Merity.

....

—Porque são zonas proprias para o pessoal se pyrá...

—Isto é verdade.

Eramos dois a recordar o tempo da corôa, sentados áquella mesa. A' porta do café da Lapa, sugeitos estranhos divagavam sobre as difficuldades da vida com o jogo como estava, parado... E, o parceiro continuou:

—Sambistas, batuqueiros, de verdade, conheci poucos, e, esses poucos foram: "Appolonio", "Bamba", "Cento e Onze", "Cleto", "Albino", "Jacaré", "Ze Maria", "Camaleão", "Pé de Ouro", "Sahara", "Branda", "Catita", "Espada-Nua", "Emerentina", "Reuna", "Marreca", e "Violeta Mão Queimada"...

Nisto, interrompendo a conversa, approximou-se um mulatinho despachado que falou assim:

—Olá, compadre!

O parceiro respondeu:

—Olá, mano.

Mas o mulato estava com toda a corda, e puxou conversa...

—Já deixaste "Petropolis"?

—Menino, eu nunca estive em "Petropolis". Veraneei, sim, em "Therezopolis".

No "convento"?

—Certo. De uma feita por 15; da outra por 12 (E, espalmou a mão, mostrando os dedos, para melhor enumerar as sentenças...) Como vês, não fui lá para sujar no cubo, não sou malandro barato... (E, revelou em segredo). Despachei, dois! Mas a vaga lá está á sua espera...

—Passei perto...

—Cachorro quente?

—Figuração...

—De chavecada?

—Na bôa. Mas tu sabes... Eu sou de circo... Fiz a visagem, o besta metteu os peitos; foi a conta: caverei elle. Coitadinho, dormiu...

—E, depois?

—Pediu habeas, fez meio dia, direitinho p'ra titio ver...

—Foi na batata!

—Ah, commigo, não tem bandeira...

—Sempre levando vantagem, Pinga...

—Qual é o meu? Bem, vou rodá... Chê, bom criolo...

—Boas-festas, mulato, presença!...

E, o parceiro, explicou:

—Esse, é malandro novo, da turma do Antonico Branco, Leãosinho, Joãosinho da Lapa, Gallego, Cirineu, Broa, Petit, Ferreira, e outros. Gente que se estraçalhou e se "entralhou" nos entreveros dos clubs.

—Então essa furia de destruição entre malandros é coisa velha?

—Historia antiga... Emquanto houver "panno-verde", mulherio e bohemia, haverá malandros e rixas. Sem jogo a vida do malandro afunda, e se transforma em vida de cigano, de gavião... E elle sáe da cidade e se interna pelo interior na corrida do bacarat, da roleta, da campista, ou sae bancando os jogos carteados... Mas se fica na cidade, mesmo vigiado pela policia elle joga... joga o "par ou impar" na licença dos automoveis, no numero dos bonds, quando não faz apostas na velocidade dos transatlanticos que saem juntos do porto...

—Achas que a capoeiragem e o jogo não morreram?

—Claro...

—Mas se já não existem capoeiras?

—Existem, mas é que o capoeira de facto não se exhibe... Segundo elle proprio diz "na hora é que se vê"... Capoeira de exhibição só os do tempo da mandinga...

—E, onde ficam os que se exhibem nos circos?

—Truta...

—Tens razão, compadre.

—Razão e memoria!

—Mas acho-te velho....

—Velho? Velho são os trapos. Tenho 62, e sinto-me leve como uma pluma! Ah, eu não desminto o nome! Sou o mesmo Bode do passado, que pulava e dava marradas... Fui guayamu (caranguejo) e, até hoje não vi piaba que me tocasse nem perna que me derrubasse. E' verdade que tomei este risco (e mostrou a face esquerda onde lhe vi um gilvaz, que ia das palpebras ao pavilhão da orelha) mas estava dormindo...

—E, hoje, serias capaz de soltar a cachorra?...

—Deus me livre... Vinte e sete annos de cadeia, na cubata, de sobrado, no convento transformam os homens. Hoje tenho medo dos rolos. Só de ouvir o "grillo" do cardeal, eu me afflijo, tremo, e, soffro...

—Tapeação...—interrompeu um gaiato ao lado.

Bode espiou. Assumptou. E, espirrou:

—Gente de D. Justa... Pyra.

Com effeito, era um tira. A cana estava aii braba. Convinha dá o fóra. Bode não perdeu tempo. Empinou-se e despidiu-se:

—Au revoir! E, disponha deste negro!

—Para tudo?

—Tudo!

—Mesmo para um gallo?

—Conforme... Se for um gallo, 50$000 estou comtigo...

—Não, é para um gallo de briga... Serviço de sangue...

—Misericordia! Sae azar! Commigo, não, sombração!

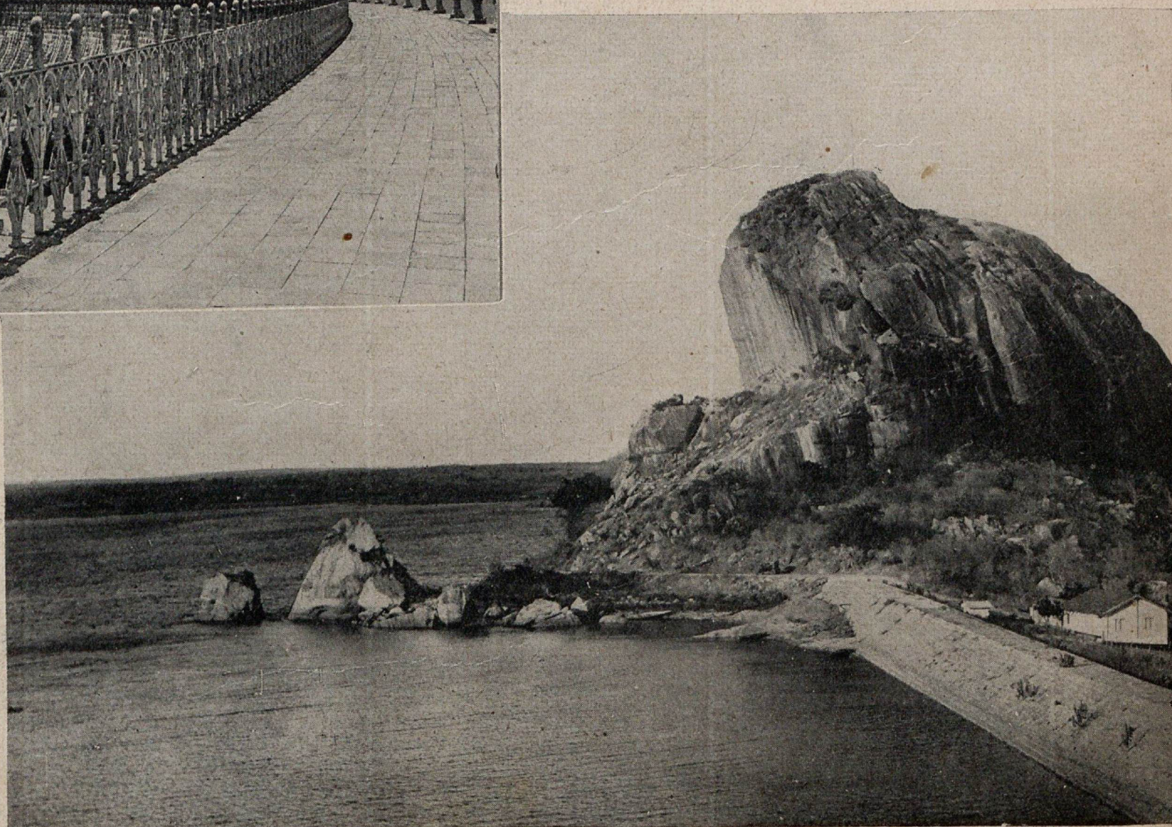
E, logo, saltou na rua, lepido, aos pulinhos, aos corcovos, de cabeça baixa, olhos obliquos. E, abalou num arranco, como se fosse mesmo um bode de verdade, preto, enorme, de duas pernas! No lusco fusco da madrugada ainda lhe vislumbrei o vulto e lhe ouvi a voz ó "Gallo"! ó "Gallo"! Chamava um outro malandro que ia passando. Deixei-me ficar ali, espantado, perplexo, surpreso, com tamanha agilidade em tamanha velhice! E, por serem parecidos na altura, lembrei-me do Perú, que de uma feita "despachou" um parceiro com uma banda secca na Penha, da Praia Grande. O Perú, aquelle malandro esguio e avermelhado que foi cocheiro de carro, e que certa vez matou um saltimbanco japonez, no largo de Catumby.

Bóde, Gallo, Perú... Que fauna sinistra!..

O Reservatorio "CEDRO" em QUIXADÁ

O "BAHIA" AMARISSADO NA GRANDIOSA REPRESA DO "CEDRO", EM QUIXADÁ.

A AVENIDA MARGINAL DO AÇUDE DO RESERVATORIO, QUE E' SIMULTANEAMENTE UMA GRANDIOSA OBRA DE ENGENHARIA E UMA OBRA DE ARTE.

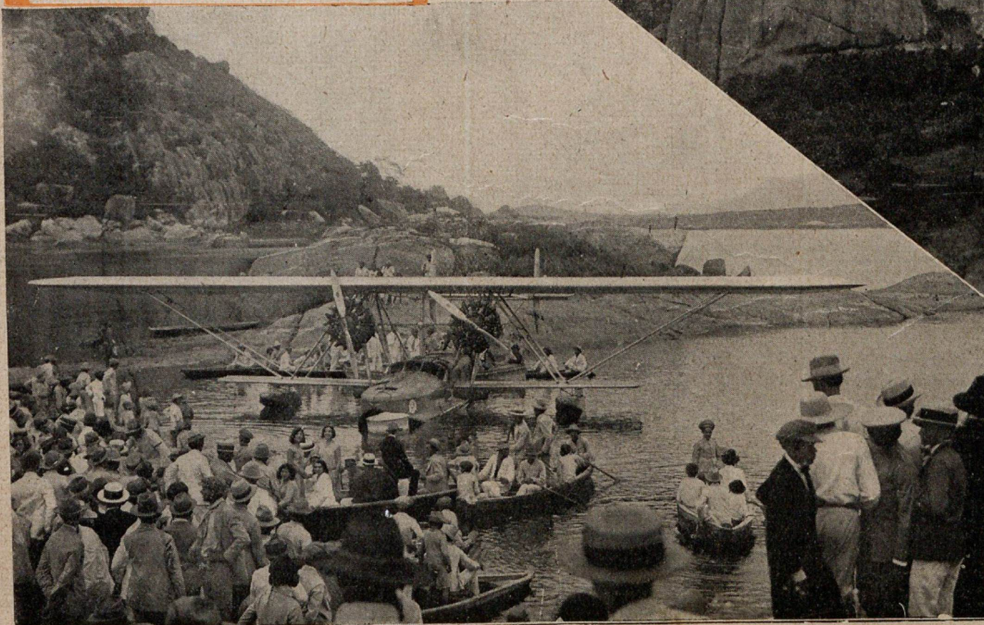
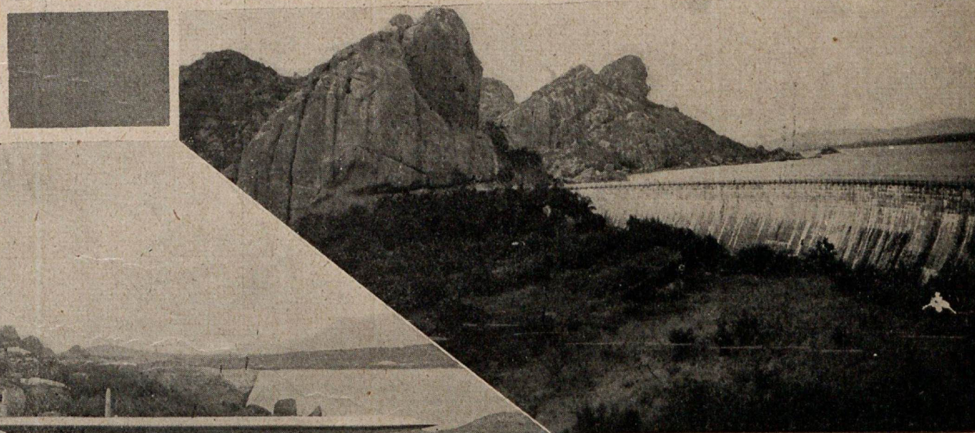
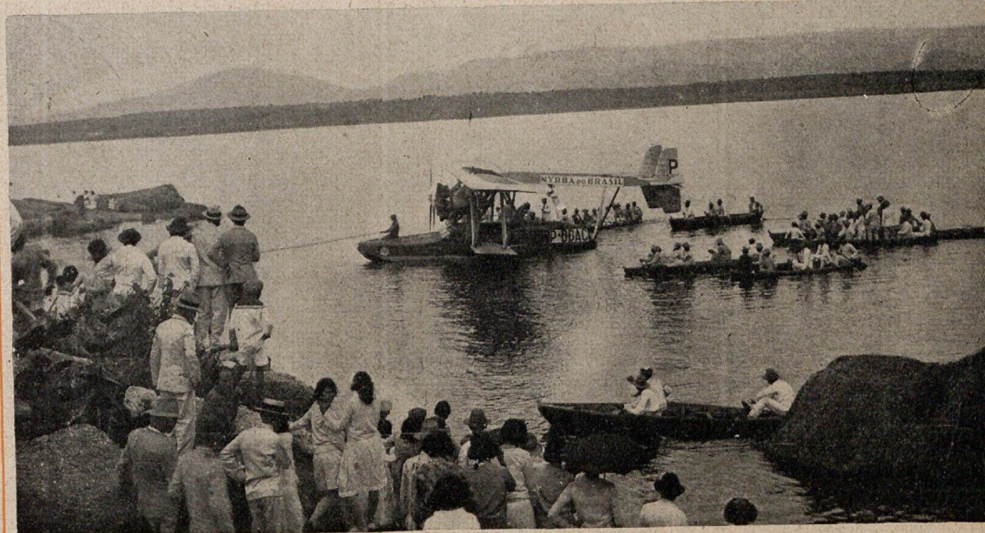
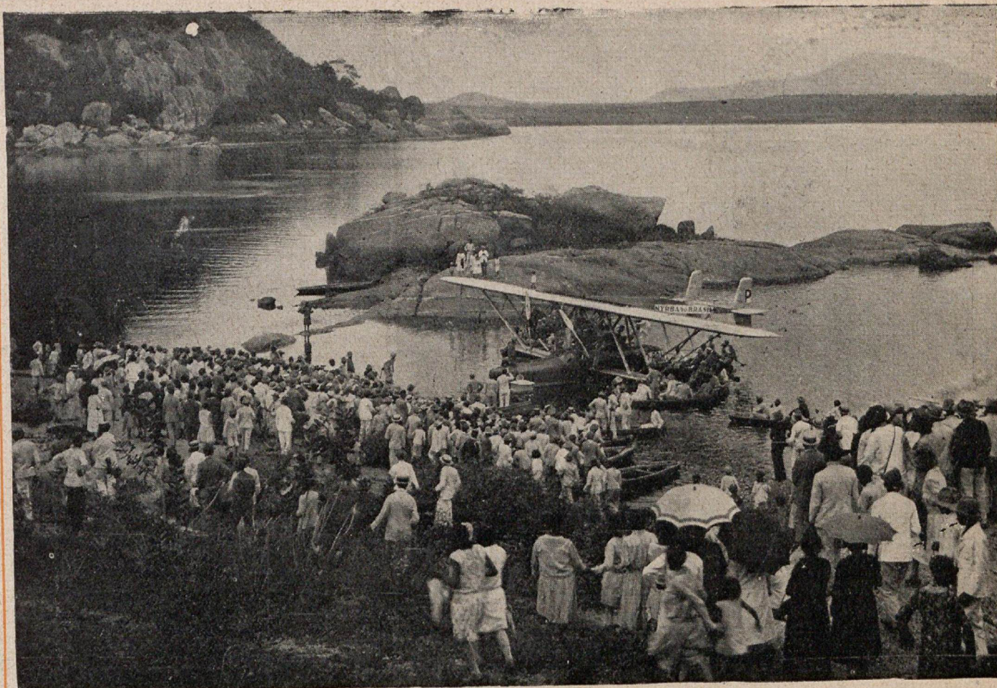
A "PEDRA FALADORA", NA REPRESA DE QUIXADÁ.

QUEM poderia prophetisar que no nordeste brasileiro, no Ceará flagellado pelas seccas, os hydro-aviões desceriam um dia, amarissandoem pleno sertão?

E foi este prodigio paradoxal que um hydro-avião da Nyrba realizou, pousando como num seguro aerodromo no reservatorio de Quixadá, a quando da sua extensa viagem aérea Nova York-Rio de Janeiro.

As grandiosas obras, de iniciativa do governo Epitacio Pessôa, destinadas a armazenar as aguas para irrigação das regiões assoladas pela secca, tiveram assim uma nova e imprevista applicação. E' verdade que já o "Jahú" amarissara no reservatorio de Santo Amaro, em S. Paulo, mas desta vez a descida do "Bahia", o hydro-avião da Nyrba, no reservatorio amplissimo do Cedro, reveste-se de particularidades sem confronto.

O CRUZEIRO regista em uma série de photographias o acontecimento sensacional da descida de um hydro-avião no sertão cearense. As photographias permittem tambem apreciar a extensão da cyclopica represa e o vulto gigantesco das obras executadas com o fim patriotico e humanitario de attenuar, senão de corrigir, a fatalidade climaterica a que está condemnada a terra cearense.

... recebe nas suas aguas um avião da "Nyrba Line"

PHOTOS. DE MAUR RIBEIRO

A POPULAÇÃO DE QUIXADÁ CONTEMPLA O IMPREVISTO E SENSACIONAL ESPECTACULO DE UM HYDRO-AVIÃO FLUCTUANDO NA REPRESA GIGANTESCA DO "CEDRO".

O "BAHIA", REBOCADO, ACOSTA AO LITTORAL DA REPRESA.

O "BAHIA" ACOLHE A AUDACIOSA PROPOSTA DE RECOLHER OITO QUIXADENSES, INCLUSIVE SENHORINHAS, PARA COM ELLE FAZEREM EVOLUÇÕES SOBRE A CIDADE SERTANEJA, CORTANDO "ARES NUNCA DANTES NAVEGADOS".

ASPECTO PARCIAL DO AÇUDE DA CYCLOPICA REPRESA

A ESCRAVA

por Alice Leonardos da Silva Lima

Illustrações de C. Chambelland

SRA. ALICE LEONARDOS DA SILVA LIMA

NO meado do seculo passado, era a fazenda do velho Marcondes a mais importante do Estado do Piauhy.

O seu casarão senhorial branquejando no meio dos umbuzeiros, a sua entrada toda calçada, ladeada de carnaubeiras e o seu grande açude lateral a reflectir entre as folhas espalmadas do golfão, as flores rubras dos mulungús, davam bem idéa das posses do seu proprietario.

Todo esse luxo, porém, estancava de repente na cerca de mandacarú, encurralando as lugubres senzalas confinantes com os chiqueiros.

Por toda parte galinhas mettediças e negrinhos ranhosos, a esgueirarem-se em promiscuidade com os bácoros pelo terreiro cheio de immundicie.

Vinham depois os grandes cercados para revista do gado e o curral entelhado para abrigo dos bezerros recém-nados.

Além, os pastos interminaveis de capim gordura, dourando ao sol.

E, como nota timbrante desses descampados — o boi.

Lá estão as vaccas pelas encostas dos morros, retouçando, pachorrentas, a afugentar com a borla da cauda as impertinentes motucas, so levantando de vez em quando o focinho humido, para chamar com um mugido triste a cria desgarrada.

Bezerrotes espantadiços, cabritando, com pernas muito altas, perseguem as mães, tentando afocinhar os uberes esvasiados no curral.

Nessa hora, o leite assim reclamado está sendo batido e transformado em manteiga, e as vaccas, compungidas, no impulso instinctivo da maternidade, voltam pesadamente o pescoço de moleja balouçante para lamber os filhotes.

Sobre velha umburana de tronco retorcido, galhos desnudos e angulosos, empoleiram-se os urubús de pescoço pelancudo que, volta e meia, desfecham vôos altos, farejando carniça.

De tempos a tempos ouve-se a chiadeira monotona do carro de boi.

A' medida que o carrão avança, o ruido torna-se mais forte e irritante.

Em uma das voltas da estrada, surge afinal o vehiculo, tirado por quatro juntas de bois, tão lerdos quanto magros, de pescoço retesado e cabeça baixa, com o focinho lustroso onde luzem ao sol longos fios de baba gelatinosa.

Um escravo, com amplo chapéu de alcofa franjado e rôto, espicaça e aguilhôa o gado com a comprida vara de ferrão, soltando gritos roucos e bruscos.

Em pé, do lado de fóra da esteira de taquara, sobre o cabeçalho da grossa lança do carro, equilibrando-se, agarrado aos fueiros, um molecote excita a coragem dos animaes:

—Eia, Maiado!... Eia, boooi!...

Na decaida da varzea, antes de passar o corrego, o carreiro estaciona para ajustar a canga que está a fazer sangrar um dos animaes, e no silencio que se estabelece, percebe-se o zumbido das varejeiras, sequiosas daquelle sangue a gotejar.

Depois num puxão desencontrado e violento, partindo dos cocões e do chumaço, o carro solta um gemido longo, muito longo, e vae-se, lentamente... pesadamente... tristemente... pela estrada empoeirada fóra.

....

Naquella manhã calmosa, notava-se desusado movimento na fazenda, onde uma multidão de escravos cirandava em preparativos festeiros, sob a vista do feitor e da imprescindivel chibata.

O velho Marcondes, geralmente carrancudo e taciturno, deixava transparecer, no olhar desconfiado e turvo, profunda satisfação.

E' que chegara o seu filho unico, que fôra á côrte fazer os estudos, trazendo comsigo a sua joven e bella esposa, afim de apresentá-la ao pae. O fazendeiro que se sentia isolado na sua viuvez, agradara-se das maneiras distinctas da nóra, e mostrava-se contente e orgulhoso da escolha do filho.

Desde muito cedo grande era a azafama que ia da cozinha á sala de jantar, e as mucamas percorriam os corredores, atarefadas na arrumação do lauto almoço que se ia offerecer á nova senhora.

Durante toda a manhã ouviu-se o bater surdo e compassado do pilão, a amassar o amendoim torrado, a castanha do Pará e outros ingredientes.

Uma preta velha, sentada na soleira da porta, ralava com pachorra uma quantidade de espigas de milho verde, para a confecção da canjiquinha.

Mulatas habilidosas tomavam o ponto de caldas nas tachadas e batiam ovos, emquanto uma cabrocha esperta enchia compoteiras de crystal com doces de bacuri, mangaba, buriti e copu-assú.

No meio da vasta sala de jantar, estendia-se a enorme mesa coberta por alva toalha de linho, aberta de crivos, sobre a qual se alinhavam dezenas de pratos com as mais variadas iguarias.

—Nhô Marconde! Tá tudo promptinho.

"Vivamente commovida, interveio então Stella..."

As pessoa póde i p'rá jantá, annunciou uma escrava, da soleira da porta que dava para a varanda.

O fazendeiro levantou-se, e offereceu cerimoniosamente o braço á nóra, entrando no salão com a solennidade que o momento requeria.

Os convidados seguiram-no, menos circumspectos, e nas phisionomias prazenteiras, lia-se bem a satisfação que sentiam em tomar parte no almoço pantagruelico.

Como de praxe, o dono da casa, logo ao começo, ergueu um brinde, pedindo desculpas aos convidados "de serem obrigados a passar mal, naquella humilde choupana."

Naturalmente essa modestia, tão mal cabida, provocou forte protesto.

Succederam-se discursos empolados, onde cada orador procurou dar ao auditorio uma pallida idéa da sua profunda erudição.

De vez em quando, no peitoril das janelas abertas para a varanda ou numa das portas da sala, surgiam a carapinha e dois olhos muito arregalados de algum negrinho, aguçado pela curiosidade, a espiar a festa.

Ia grande alegria no festim quando intempestivamente irrompe na sala uma negra ainda moça, agarrada ao filho, um molecote de seis a sete annos. Parece allucinada, e brada para o fazendeiro com voz tremula pelo desespero:

—E' verdade mêmo, nhô Marconde?... Sinhô! Diga! Diga qui num é verdade!

E cae de joelhos, sacudida por choro nervoso, sempre abraçada freneticamente á criança.

Ninguem ousa interpôr-se, ante a attitude manifesta de grande aborrecimento do fazendeiro, que se levanta brusco, atirando o guardanapo na mesa num gesto de visivel máu humor.

—Onde está o feitor? — exclama contrariado.

Como este não apparecesse logo, prosegue a vociferar cada vez mais colerico:

—Onde está o feitor? Onde está o feitor?

Diversos escravos acodem ás portas, alarmados, e no meio da silenciosa estupefacção que reina entre os presentes, ouve-se apenas o soluçar convulsivo da misera escrava.

O feitor, afinal, entra apressado, no aposento, dirigindo-se ao fazendeiro:

—Senhor...

—Não te ordenei — interrompe este, tremendo de raiva — que tirasses a criança á noite, ás escondidas? Podias perfeitamente ter-me evitado estas scenas insupportaveis!

—Senhor... — procura desculpar-se o feitor. Estas malditas negras parecem adivinhar quando se lhes quer tocar nas crias!

—Qual adivinham! Qual nada! — atalha o velho Marcondes, com violencia. Sim, senhor!... Então nem direito tenho eu de presentear um amigo, sem que me venham aborrecer?

O feitor abaixa a cabeça, emquanto lança de soslaio um olhar de rancor á desgraçada que se arrasta de joelhos até os pés de seu amo.

—Nhô Marconde!... Nhô Marconde!... Ah! Num separe eu de meu fio!

Vendo o velho manter-se insensivel continua entre lagrimas:

—Meu fio é tudo que tenho na vida! Sem elle... qui dianta vivê?... Num mi separe delle! Pru amô de Deus!... Pru amô...

—Basta! Basta de choramingas! — atalha o fazendeiro, procurando desvencilhar-se da infeliz. E accrescenta praguejando:

—Arre!... Que vida! Não posso ter um dia de alegria sem que a negrada m'o estrague? Que vida!

Dirigindo-se ao feitor, ordena-lhe:

—Trate de ir tirando a criança...

—Não! Não! — brada a pobre negra, meio desvairada pela dôr, erguendo o punho num movimento de revolta. Não! Num pode mi tirá meu fio!

Apertava, nervosa, a criança nos braços, cada vez mais allucinada. No paroxismo da exaltação, repetia, beijando-o:

—Ninguem me tira meu fio! Eu num deixo! Eu num...

—Desaforo! — irrompe o velho furioso. Ah! não posso separar-te delle, não é assim? Vaes ver, agora mesmo!

E voltando-se para o feitor:

—Metta-lhe o relho com vontade...

Um grito lancinante da escrava corta o final da ameaça. Agora, ella já se não insurge contra o senhor, e retomando a sua posição humilde, continua a supplicar entre lagrimas:

—Nhô Marconde!... Piedade!... Tem piedade...

Vivamente comovida, interveio então Stella, a recém-chegada. Já em voz baixa, tinha pedido ao marido que intercedesse junto ao pae, afim que ouvisse a supplica da coitada, mas como o rapaz permanecesse immovel, sem coragem de affrontar a irrascibilidade paterna, resolveu ella mesma falar directamente ao sogro.

O velho Marcondes, como devesse a todos satisfação, explicava aos convidados:

—Prometti o moleque a um politico importante, a quem preciso agradar, e palavra minha não volta atraz. Lá no Sul, todos têm escravos a granel, mas aqui no Piauhy, um negrinho esperto é um presentão...

—Mas, — interrompe a nóra indignada, sem mais se poder conter — para obsequiar um politico, vae separar uma pobre mãe...

Ella hesita em proseguir, ante um olhar medroso do marido, espantado da ousadia de sua mulher em arrostar a colera transbordante do pae.

O fazendeiro acha melhor fingir que não ouvira o aparte, e ordena ao feitor:

—Tire a criança desde já. Palavra do Coronel Marcondes não volta atraz, já disse. E se a Joaquina recalcitrar, dê-lhe uns bolos para acalmá-la.

Stella, ainda mais impuisionada pela compaixão, lança-se á frente da escrava, procurando defendê-la.

—Arreda! — grita ao feitor, que estaca indeciso ante a attitude imprevista da moça.

Dirigindo-se então ao fazendeiro, ella pede-lhe:

—Por favor, não faça isto! O Senhor prometteu-me um bello presente de casamento... Pois bem: dê-me esta escrava e o filho!

—Mas... o moleque já está dado... não posso... gaguejou o velho contrariado.

Stella, vendo-o hesitar, continua insinuante:

—O Senhor é tão rico, tão poderoso no logar... precisa lá agradar a alguem?

O velho Marcondes sorriu envaidecido.

—Lá isso é verdade. Precisar não preciso... Era só por amor proprio...

—Então — volveu a moça com vivacidade — não me recusará o presente, não é verdade?

Stella aproveitara-se rapida da opportunidade dessa indecisão, pois sabia que aquelle velho iracundo não se deixaria levar pelo coração.

O fazendeiro manteve-se calado por alguns instantes, como a reflectir, emquanto o feitor, sempre de chicote na mão, aguardava ordens.

—Essas moças da Corte — soprou a mulher do Delegado ao ouvido da filha do juiz — são de uma ousadia! Olha só como D. Stella já se quer impôr ao velho!

—Ellas nunca perdem occasião de fazer figura — concordou a outra num sussurro.

A negra Joaquina não desviava o olhar da sinhá moça, como se Stella fosse realmente uma apparição angelica enviada por Deus a soccorre-la.

Ajoelhada e estreitada ao filho, ficava queda, muda, a contemplá-la, emquanto lagrimas incontidas lhe deslizavam pelo rosto.

—Não quer conceder-me este pedido... meu pae? — tornou Stella com doçura.

—Está bem — acquiesce afinal o sogro com benevolencia. Está bem! Elles são teus; mas vou prevenir-te de uma verdade: os negros são ingratos, e só á custa de chibata se consegue delles alguma coisa. Esta escrava será no futuro uma inimiga tua. Ella pagará o bem com o mal — has de ver.

—Não importa — responde-lhe Stella, se não tive em vista a gratidão e fiz o bem pelo bem...

. . . .

Um anno depois a fazenda achava-se novamente em festas com a chegada da primeira neta do velho Marcondes.

Em redor do berço onde dorme a pequenina Aida, envolta em finas cambraias, rendas e fitas, estão diversas escravas extasiadas ante a belleza da nova sinhasinha.

Entre ellas, acha-se Joaquina, que se conserva muda e triste, como alheia ao regosijo geral que a cerca.

—Joaquina! — diz-lhe a sua joven ama. Estou hoje tão contente que desejo dar-te carta de alforria. Quero que saias deste logar onde perdeste o teu...

O velho Marcondes que se achava numa poltrona, levanta-se estupefacto com este capricho da nóra, vendo, porém, a escrava manter-se muda, commenta com sarcasma:

—Então, é calada que agradeces á tua ama?

—Para que falar assim a uma pobre mãe que acaba de perder tudo o que tinha na vida? — observou-lhe Stella, em voz baixa.

O fazendeiro, indignado com a censura, procurou deixar o aposento, murmurando enraivecido:

—Esses exemplos... Esses exemplos dão-me cabo do povo!

A moça vendo-o partir, tornou a falar:

—Joaquina! E's livre de escolher. Se este logar te entristece...

—Não, nhãnhã! — respondeu afinal a escrava. Tá vendo? Num tô chorando di dó; é pru causa do que nhãnhã mi disse...

Limpando os olhos com as costas da mão, proseguiu com amargura:

—Quando nhô Marconde quis tirá meu fio... era capais inté di matá elle! Mas agora... foi Deus Nosso Sinhô, que assim quis... e eu sei onde meu fio tá! Lá... elle não vae levá chicotada como um animá...

Joaquina não chorou mais e pareceu resignada, mas... desde então, ninguem a viu mais sorrir.

. . . .

O tempo foi decorrendo e Aida attingiu os seus quatro annos, sempre sob a vigi-

"...enfiára os chifres nas costas da Joaquina."

lancia desvelada da negra Joaquina, a ama secca. A sinhásinha era considerada um thesouro, e agora é a gloria do velho Marcondes! Tambem, onde já se vira criança mais linda que Aida?

Mas nem mesmo a presença da netinha consiguia sopitar os accessos de colera que irrompiam, frequentes, no iracundo fazendeiro, contra os seus escravos.

Certa vez, porém, a injustiça do senhor das terras foi tanta, que echoou com impectos de revolta no coração do escravo Victorio, barbaramente açoitado, sem motivo, por um simples capricho do amo poderoso.

E desde então, depois do castigo injustificavel, no cerebro do negro começaram a engendrar-se planos sinistros, ferozes, terriveis. Ah! elle saberia achar opportunidade para realizá-los, para vingar-se daquelle maldito velho!... Que lhe importava morrer depois!?...

A crueldade de um senhor impiedoso tinha abafado, empedernido todos os sentimentos bons naquella alma revoltada e inculta. Surgia nelle um ente rancoroso, animalisado, capaz de commetter qualquer crime.

Victorio era um dos melhores campeiros da fazenda, e ninguem como elle sabia lidar com os trouros bravos das pastagens.

Andava o escravo uma tarde, recolhendo os bezerros, quando divisou a pequena Aida trajada de vermelho, brincando dentro do cercado da marcação do gado. Uma idéa infernal perpassou-lhe pela mente, e um riso diabolico aflorou-lhe aos labios: tinha descoberto meio tão desejado para executar a sua vingança!

Com cautela, depois de examinar se era visto, o negro abre a porteira exterior e introduz o "Fumaça" no recinto onde se achava a criança brincando descuidada, um pouco afastada da mãe e da escrava Joaquina a costurar.

Um mugido feroz do touro chama a attenção das duas mulheres que, apavoradas, compreendem logo o perigo inevitavel que ameaça a menina.

Aida, amedrontada, começa a correr, soltando gritos estridente, afastando-se ainda mais do grupo.

Diversos escravos acodem ao alarme da sinhásinha; estacam como petrificados, tomados de pavor.

—Aida! Aida! — clama a mãe desesperada, escondendo o rosto entre as mãos, para não presenciar aquella scena.

Mas Joaquina não hesita um instante. Erguendo-se de relance, vôa á porteira e atira-se intrepida entre a menina e o animal bravio e, nesse arremesso de ousadia inesperada, consegue alcançar Aida e toma-a nos braços. Deita então a correr, procurando alcançar a cerca de arame farpado. Ah! se conseguir chegar até lá!...

Num esforço inaudito, avança rapidamente e, sem procurar a saida, joga o seu fardo por cima dos fios retezados entre os moirões.

Aida está salva!

Acclamações de jubilo coroam o feito heroico, e Stella, ouvindo-os, cae de joelhos, rindo e chorando ao mesmo tempo. Será verdade mesmo? Aida, a sua Aida escapara illesa, graças á abnegação da escrava!

Mas um berro lancinante faz-se ouvir. O "Fumaça", enraivecido, enfiara os chifres nas costas da Joaquina. Levanta-a ao ar e depois rola-a por terra deixando-a como um objecto inerte, ensopado em sangue.

Momentos de indescriptivel panico perduram algum tempo. Todos gritam e ninguem age; emquanto isso o touro recomeça a espesinhar a sua victima.

Agora, chegam diversos vaqueiros e a custo, com a ajuda de aguilhões, conseguem correr do campo fechado o animal enfurecido.

Restabelece-se a ordem e a negra, desfallecida, é transportada para o interior da casa.

O velho Marcondes, abraçado á neta, estremece vendo aquelle corpo passar assim carregado, a esvair-se em sangue.

Pela primeira vez, compreende que existe uma força superior á delle, e que a sua vontade despotica pode ser quebrada, esfacelada, com a perda da unica affeição verdadeira que realmente tem. Um arrepio de horror sacode-o todo. Parece que no seu coração quer infiltrar-se uma especie de sentimento desconhecido, e elle pensa talvez na possibilidade da existencia de um Deus...

Mas este pensamento não perdura por muito tempo; encolhe logo os hombros, apossado novamente pelo egoismo e pela indifferença habitual. Afinal de contas, um negro a menos... Tanto desgraçado morrera já sob a sua vista, implorando a sua misericordia! Aquella escrava não fizera mais que a sua obrigação...

—Vamos ver a Joaquina? — diz-lhe Stella, ainda a tremer e muito pallida.

O velho, entretanto, não lhe responde. Todo o seu interesse está agora voltado para a vingança cobarde do negro Victorio. Aquelle cão ha de pagar-lhe bem caro!

Vendo-o assim absorto, a moça não insiste, e segue sosinha a ver a pobre escrava.

A negra está agonizando.

A patrôa pega-lhe nas mãos, e leva-as aos labios, num movimento de gratidão.

Joaquina voltava a si, e reconhecendo Stella procura falar:

—Nhãnhã... A sinhasinha?...

—Joaquina! — diz-lhe a ama com voz tremula. Minha bôa Joaquina! Como? Como poderei agradecer-te?

—Ah! Nhãnhã... num si atromente... Eu mi sinto tão feliz!... Tão feliz...

Muito a custo consegue fazer-se ouvir, e prosegue ainda mais baixinho.

—Nhãnhã... num si alembra mais? Naquelle dia... sim... nhô Marconde disse... que os negro era ingrato...

—Joaquina! — atalha Stella com vivacidade. Sempre te considerei minha amima!

A negra olha-a com doçura:

—Nhãnhã é um anjo... mas eu percisava mostrá... minha gratidão...

Fecha os olhos e continua, em haustos, cada vez com mais esforço:

—Vivia sempre... sempre pedindo uma occasião a Nosso Sinhô.

Procura respirar mais forte; offegante, com o peito a arfar, ainda pronuncia com difficuldade:

—Elle teve pena de mim... e... Elle vae mi levá prá onde tá meu fio... Sou feliz!... tão feliz..

O Collar da Rainha de Alexandre Dumas

o "Odeon" exhibe o primeiro film sonoro francez

Especial para "O Cruzeiro" por Paulo Lavrador

NÃO só a America do Norte está produzindo films sonoros. A Europa tambem cuida disso. A principio houve no Velho Mundo o natural retraimento, na duvida do exito, e mesmo em virtude de um começo de repulsa pelos films sonoros norte-americanos, por falados em inglês, e isso fazia suppor a derrocada do novo systema. Mas essa repulsa foi aos poucos eclypsando-se ante a geral e franca aceitação que foram tendo os novos films, pela melhor compreensão do que é o film falado, embora em lingua desconhecida para o espectador, nas vantagens que elle offerece pelo tom, a vibração e a subtileza da voz do personagem em scena. Infelizmente, entre nós, não chegámos ainda completamente a esse gráu de comprehensão e por isso é que o simples annuncio da exhibição de um film falado em francês, vem despertando grande curiosidade, attendendo a que todos nós temos pelo menos a pretenção de que "entendemos" francês mesmo, quando não chegamos a falá-lo.

O certo é que o novo genero de films teve tal aceitação na Europa, que as grandes casas productoras sentiram a necessidade de os produzir na propria lingua, com os seus costumes e os seus cantos.

Em França foi definitiva a experiencia quanto ao interesse por parte do publico pelo film sonoro.

A estatistica provou que, nas quatro primeiras semanas do anno corrente, ou seja de 3 a 31 de janeiro, em 13 casas de Paris apparelhadas para a exhibição de films sonoros a renda subiu a 6.761.797 francos, contra 4.975.650 collectados em data correspondente do anno passado, com um lucro portanto de 1.786.193 francos, o mesmo succedendo com as duas unicas casas apparelhadas em Lyon e Bruxellas, as quaes, tendo rendido o anno passado, naquellas quatro semanas, a importancia de 265.624 francos com a exhibição de films silenciosos, tiveram este anno, com os films sonoros, a renda augmentada para 342.610 francos. Por outro lado, 6 dos maiores estabelecimentos de Paris que não se muniram ainda de apparelhos sonoros, renderam mais, no mesmo numero de dias do anno passado que neste, ou sejam 1.001.031 francos em 1929, contra 893.607 apenas auferidos este anno. A demonstração foi concludente a favor do film sonoro.

Diana Karenne no papel da rainha Maria Antonietta.

Marcelle Jefferson Cohn no papel de Condessa de la Motte.

Ante esta prova cabal, a França achou azada a occasião para cuidar de sua propria industria. Coube á *Eclair Production* dar o primeiro passo, resolvendo-se a transportar para a tela o para os alto-falantes a obra de Alexandre Dumas—"Le Collier de La Reine". Em se trantado da confecção de um film sonoro, cuidou-se em primeiro logar da possibilidade de uma perfeita captação e emissão de ruidos e sons, com apparelhamento francês, e coube á Tobia-Klang, poderosa organização fundada para esse fim, provar que podia fazê-lo em tão boas condições quanto as fabricas americanas. A orchestração foi entregue aos Concerts Pasdeloup, e a partitura demonstrou ser de uma synchronização absoluta, entregue a mãos de mestres. E vozes? Artistas com vozes capazes de uma perfeita audição pelos alto-falantes? A principio foram buscar Pola Negri para o papel de heroina, mas a bella slava falhou... musicalmente. Procuraram Marcelle Jefferson Cohn, que já brilhou na opera francêsa, e hoje é uma figura de destaque da sociedade parisiense, esposa de um millionario norte-americano que se captivou de sua figura, sua voz e suas virtudes. E a formosa Marcelle Jefferson foi uma revelação. Estava garantido o futuro successo do film. Procuraram para elle outros artistas como Jean Weber, Diana Karenne e George Lannes, e sob a direcção de Gaston de Revel proseguiram os trabalhos de filmagem e de sonorização, e quando o film surgiu prompto, toda a Franç

A rainha Maria Antonietta declara aos joalheiros que o contracto de compra do famoso collar era falsificado e que ella não autorisara ninguem a adquiri-lo.

correu a vê-lo exultou, na confiança em si propria, na certeza de que poderia fazer films tão bons quanto os americanos. "O Collar da Rainha" estreou no Cameo, a bella casa de espectaculos de Paris, e ali esteve por 15 semanas, desde começos de Outubro, e só em Fevereiro foi transportado com todos os louros para o *Gaumont Palace*, onde ainda se acha em exhibição, marcando um successo sem precedentes na historia do film sonoro em França.

De facto, quem viu o "O Collar da Rainha" em Paris, ficou encantado. Francisco Serrador, o audaz empreendedor que não teme nunca ser o primeiro a realizar o que para outros ainda parece utopico, tambem se maravilhou, quando de sua ultima visita á Cidade Luz, e tambem elle se convenceu que a Europa, notadamente a França, a Inglaterra com a *British International Pictures*, a Allemanha com algumas fabricas, podem produzir explendidos films sonoros. Trouxe para o Brasil o film que o encantara, para fazer delle um dos seus famosos *Programmas Serrador*, e por isso é que no Rio e em São Paulo, e em toda a parte onde haja cinema para films sonoros, se poderá ouvir actualmente a voz maravilhosa de Marcelle Jefferson, a musica adoravel de Pasdeloup, e ver tomar corpo e vida a obra memoravel de Dumas.

Tudo isso na affirmação de que, após "O Collar da Rainha", nós teremos com certeza, dentro em pouco, a producção européa entrando em nosso mercado, em concurrencia com a americana.

Quando conduzida para o cadafalso, a Condessa de la Motte tem um deliquio. O castigo que lhe foi inflingido pela sua culpa não impedirá que o escandalo do collar repercuta sobre o prestigio da realesa e que o povo acredite que a rainha era uma esbanjadora dos dinheiros da nação, adquirindo joias fabulosas quando os seus subditos soffriam a fome.

Aspecto de um descanço de "Girls" n'um "studio" de Hollywood.

A SANTA das Casadas Infelizes

Conto de João de Minas

Illustrações do Prof. Oswaldo Teixeira

O seu vigario, um velho majestoso, de uma pallidez nobre de santo, pôs a mão no meu braço, com os dedos meio duros:

—Vamos agora. Agora você seu velhaco, não me escapa...

—Pois vamos. Muito prazer...

Era na minha historica cidade mineira. Depois de annos de ausencia, eu voltava ao meu torrão natal. Não demorava. E o seu vigario já na vespera me dissera:

—Você é capaz de se ir embora sem visitar a minha igreja. Não caia nessa. Ha lá uma coisa que quero lhe mostrar...

Nesse entardecer violeta, agora, ali eu dava de cara com o illustre sacerdote. E elle, sem meias medidas, me agarrava, solidamente, musculosamente evangelico, e ia me levando. Subindo a rua morta, de casas sombrias, eu me perguntava o que seria que o vigario — rev. Celestino, ex-professor do Caraça — queria me mostrar. Seria algum trabalho de esculptura do Aleijadinho, o maravilhoso artista sem mãos?... Ou talvez algum farto milagre, um milagre cheio, algum bello acto emanado especialmente da administração divina, da secretaria das obras publicas divinas, ou do ministerio do exterior do reino dos céus?... Estes meus pensamentos não eram irreligiosos. Eu sou religioso. E' que o seu vigario era afamado por sua veia comica, por seu elevado talento em contar anecdotas. Por isso elle era querido e chamado por todos. O rev. Celestino rindo mordia e fulminava os máus costumes. *Ridendo*... Se elle era chamado, por exemplo, á agonia de um enfermo, fazia o enfermo rir, alegrar-se, esquecer a cova proxima. E através de alguma agil piada, lançada ás vezes num simples tregeito da physionomia, elle dava um alto conselho de moral christã.

E era valente. Tinha o magnetismo dos heroes, quando era preciso. Elle costumava dizer:

—Commigo, é ali no duro! Como é publico e notorio, o céu é catholico, apostolico e romano. Nenhuma outra religião tem céu. Só ha esse céu, que é uma especialidade. Inferno, porém, ha para todas as outras religiões... Muito bem. O sugeito, com quem eu sympathizar, tem de ir fatalmente para o céu. Não deixo absolutamente a sua alma se perder. Se um amigo meu estiver em perigo de vida, e não chamar a religião christã para assiti-lo, eu vou procurá-lo, e o obrigo a confessar-se, a beijar a cruz, a receber o Santissimo... Se elle recusar, eu dou nelle! Apanha, mas vae para o céu!...

Assim, com essa santa e alegre energia, o seu vigario revivia aquelles antigos doutores da Fé, que impunham a crença como uma condemnação salvadora.

Eu respeitava muito o padre Celestino, que fôra ademais meu professor de latim no Caraça. Mas ali, subindo com elle a rua, a caminho da Igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro, eu raciocinava um pouco jovialmente — justamente porque estava quasi desconfiado de que o seu vigario me quizesse pregar alguma peça, nem por isso menos instructiva. Sua reverendissima era tão trocista!...

A noite, agora, ia se fechando, colericamente. A navalha livida de um relampago cortara o espaço. Eu philosophava. Nos cabelos brancos do padre aloirava-se a candura de uma luz mysteriosa, subtilissima. O seu rosto, macerado pela virtude em acção, tinha uma pureza prophetica. Tive a nitida sensação de que ha uma outra vida, e de que Deus tinha relação directa com aquelle homem.

Chegámos ás duas largas portas de [illegible] lavrada do templo, em estylo colonial. O interior era repleto de relevos de ouro, grandes castiçaes e tocheiros de prata, pallidos como carnes penitentes, altares solennes, mantos de imagens em que luziam pedras lapidadas, esculpturas em madeira, pinturas dolorosas. Tudo isso, installado dentro de um seculo e meio, tinha uma doçura extasiada, a calma dos rituaes a que as almas dos mortos assistem, na lenta procissão dos que se foram.

O seu vigario levou-me a um compartimento ao lado do altar-mór. Ali reinava um ambiente delicadissimo. Do tecto pendia uma lampada, symbolo pensativo da solidão indefinivel do passado. Sim, tudo ali havia passado, irremediavelmente. As sombras dos mortos, das gerações extinctas, sob aquella lampada iam descendo a profunda escada do nada, no silencio fabuloso, na paz subterranea de um sonho sublime. Eu estava impressionado.

Na parede estava simplesmente um quadro, de moldura dourada, em que se via o retrato a oleo de uma mulher. Era loura, de olhos azues, de uma extrema

...entrou, e ajoelhou, deante da Santa...''

sensibilidade. O retrato parecia ter essa timida ansiedade, essa insegurança espiritual dos seres torturados pela grosseria do mundo, pelo cannibalismo moral deste valle de lagrimas.

—Que formosa mulher! — exclamei.

O seu vigario me corrigiu:

—Uma santa, meu filho! Uma santa, da legitima!

Em frente do retrato havia um tamborete alto, com uma jarra de prata, onde estava um ramilhete de rosas brancas. O meu olhar dormiu sobre as flores, num deslumbramento. As rosas tinham a frescura de olhos infantis. E me pareciam ter nascido nas suas hastes naquelle momento, segredando a ternura dos jardins em maio, os amores dos insectos luminosos, o vôo nupcial das abelhas, as pulverizações azues dos luares, a dansa nocturna das horas no mostrador verde dos arbustos perfumados...

—Esta senhora — e o bom padre apontava o retrato — se chamava Esther. Foi minha afilhada. Uma martyr, coitada! Hoje ella é — e o seu vigario sorria, como se estivesse no céu — a Santa das Casadas Infelizes. Repare no seu olhar...

Reparei. O olhar vivia, o olhar me olhava. A morta parecia estar ali viva, cheia de divina saude.

—Mas, seu vigario... — balbuciava eu, no meu espanto. O rev. Celestino sorriu, lambeu os beiços, saboreando o delicioso licor do meu pasmo.

—Ha quatro annos appareceu aqui na cidade — começou a me contar o sacerdote — um sujeito, um animal qualquer (Deus me livre de lhe pronunciar o nome). Parecia bom rapaz... E mêses depois casou-se com a Esther, a minha afilhada. Era pharmaceutico. Logo uma mulher perdida, outro nome que não pronuncio, (e o seu vigario fez o signal da cruz) conquistou completamente o coração do pharmaceutico, que perdeu de todo a cabeça... Eu logo tudo contei a Esther, que passou até a apanhar do marido. Vivia faminta, quase nua. Eu, está claro, soccorria-a, mas não podia lhe dar dinhei-

"O retrato parecia ter essa timida ansiedade..."

ro, que o bandido tomava, para dar á outra, que vivia no luxo, como uma rainha.... Um dia — Deus sabe o que faz — esse monstro tirou duzentos contos na loteria. Logo entrou na cabeça da barregã casar-se com o pharmaceutico, para melhor lhe roer a bolada. Mas para isso... era preciso que minha afilhada fosse assassinada. E foi!

O rev. Celestino fez uma pausa commovida.

—Uma tarde, minha afilhada recebeu, de um moleque da rua, um lindo punhado de rosas, que lhe mandava D. Corina, uma sua amiga... Assim disse o moleque, que depois sumiu, como por encanto. Quando a Esther subia a escada, com as flores, o marido descia, como que de proposito. Tomou as flores, examinou-as, com um interesse especial. Encontrou dentro dellas, occulto, um bilhetinho, que dizia — "Espero-a hoje, no logar do costume", e estava assignado — "Seu eterno amante".

Foi um escandalo. O crapula do pharmaceutico, meio bebado, berrava a sua deshonra. Minha afilhada estava sem compreender, e chorava. Foi quando o monstro a matou, a punhaladas, com u punhal novo. Na quarta punhalad lamina quebrou-se no ventre da vic que estava gravida...

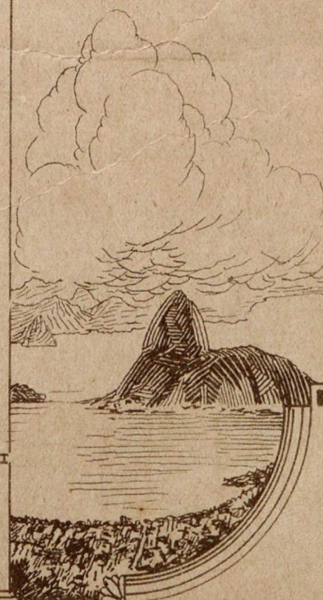
Eu passei a mão pelos olhos,

(Conclue a

O Concurso de BELLEZA de 1930

As Candidatas Americanas

PHOTOGRAPHIAS ESPECIAES PARA "O CRUZEIRO" REMETTIDAS POR VIA AEREA PELA "NYRBA"

MISS NEW YORK

As Escolhidas

MISS CALIFORNIA
Alberta Mac Kellog
2.º logar

MISS TEXAS
Jane Eastman - Eleita Miss Americana

MISS FLORIDA
Margeral Ekdalh
3.º logar

A senhorinha Jane T. Eastman, miss Texas, a quem o jury de Miami, concedeu o titulo de "Miss Estados Unidos", é um bello typo representativo da raça norte-americana.

Nesse concurso entraram 43 senhorinhas representando os Estados.

A eleita "Miss Estados Unidos", Jane T. Eastman, é um typo perfeito de americana moderna: é loura, viva, intelligente e muito elegante. Tem apenas 20 annos de idade e mede um metro e treze centimetros de altura, pesando, á data destas informações, cincoenta e quatro kilos e meio. Além de um premio de 2.000 dollares a senhorinha Jane ganhou uma linda taça de prata avaliada em 1.000 dollares.

Em Agosto proximo, "Miss Estados Unidos" virá ao Rio de Janeiro disputar a corôa de "Miss Universo".

AS MAIS LINDAS MULHERES
MISS EUROPA

A senhorinha Alice Diplerakon, miss Grecia, logo após ser escolhida miss Europa

A senhorinha Esther Pettersons, miss Dinamarca.

A senhorinha Nitikowski, miss Allemanha, pedindo, em Paris, nos Campos Elysios, uma informação a um gendarme.

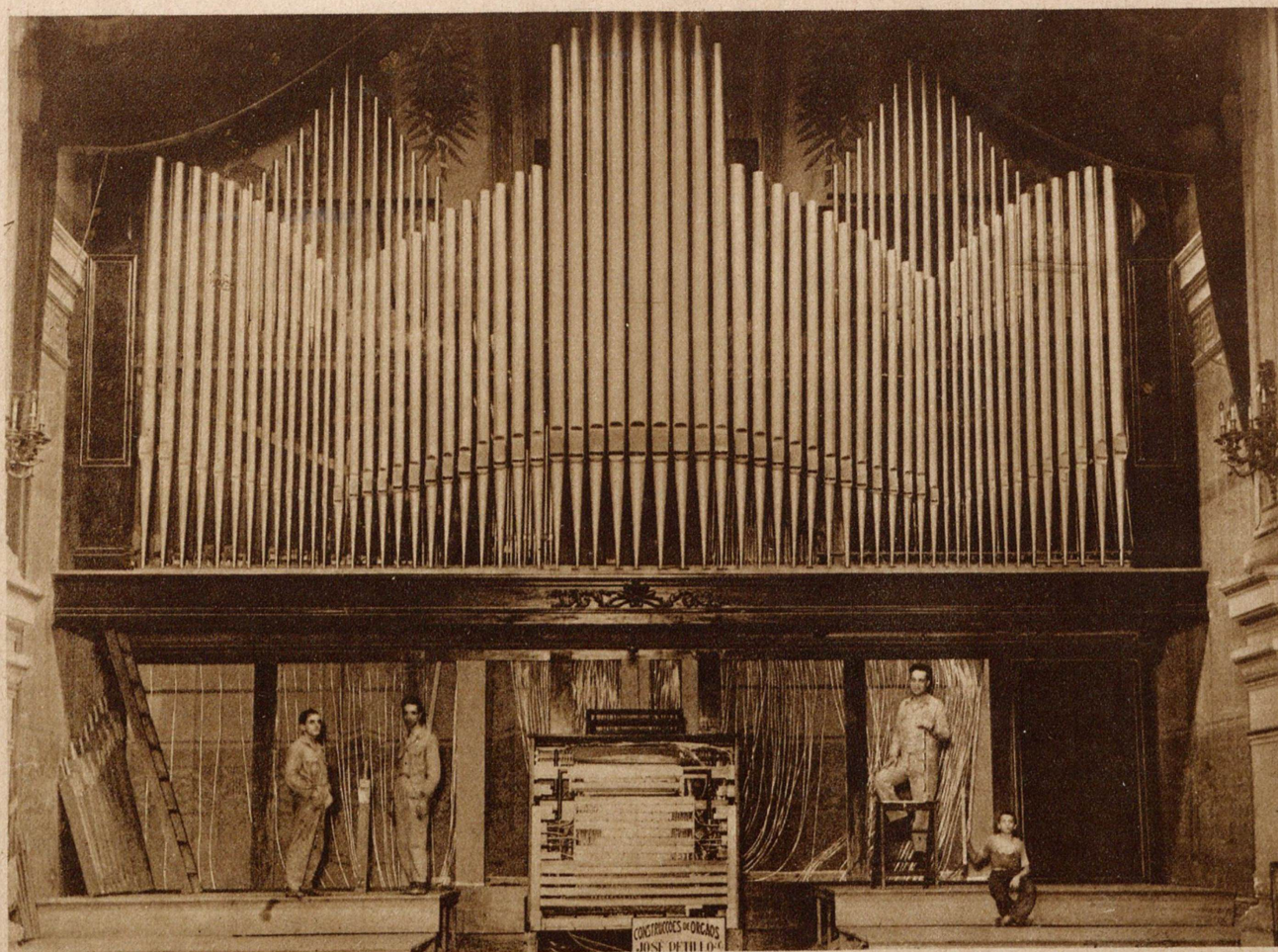
A CONQUISTA DA BELLEZA

CLARA BOW
FAMOSA "ESTRELLA" DA PARAMOUNT

O segredo de uma cutis perfeita

As "estrellas" de cinema não obstruem os poros de sua pelle com cremes para o rosto e outros pretendidos "alimentos" para a cutis. Ellas sabem muito bem que não ha substancia alguma que tenha o poder de vivificar uma pelle morta. O que ellas fazem é desquitar-se da pelle velha. Para obtel-o basta applicar ao rosto Cera Mercolized (Em inglez, "Pure Mercolized Wax"), fazendo isto á noite antes de deitar-se, e retirando a cera pela manhã. Desta forma a tez gasta se elimina gradualmente, dando logar á apparição da nova cutis que toda mulher possue debaixo da cuticula exterior. Procure hoje mesmo Cera Mercolized (Em inglez, "Pure Mercolized Wax") na pharmacia e comece a recuperar a sua formosa cutis juvenil e louçã.

Para extirpar as raizes dos pellos

As senhoras que se contrariam com o crescimento de pellos superfluos, devem saber que existe um meio que permitte obter o seu definitivo desapparecimento matando-lhe as raizes. Para se conseguir este resultado basta applicar porlac puro pulverizado ás partes onde surjam tão incommodos hospedes. Recommenda-se muito especialmente este tratamento, porque elle força o instantaneo desapparecimento dos pellos e, além disto, ao extirpar as raizes dos ditos pellos, faz com que estes não reappareçam. Uma onça de porlac, que póde ser adquirida em qualquer pharmacia, é sufficiente para o tratamento.

O grande Orgão do INSTITUTO NACIONAL de MUSICA

HA tempos — em seu n. 52 — "O Cruzeiro" publicava circumstanciada noticia sobre o grandioso instrumento que, então, começava a ser montado no I. N. de Musica. As illustrações do artigo do professor O. Bevilacqua davam bem a impressão, e curiosa, de suas dimensões. Vêmo-lo, agora, quasi prompto e em vesperas de ser inaugurado.

A gravura n. 1 mostra seu conjuncto architectonico, apenas sem as guarnições de madeira, o que permitte vêr-se, na consóla o complicado mecanismo e, ao fundo, a grande quantidade de vias de communicação entre esta e o *exercito* de tubos.

Na gravura n. 2 vêmos o Sr. J. Petillo, o habil constructor do bello instrumento, em experiencias de afinação.

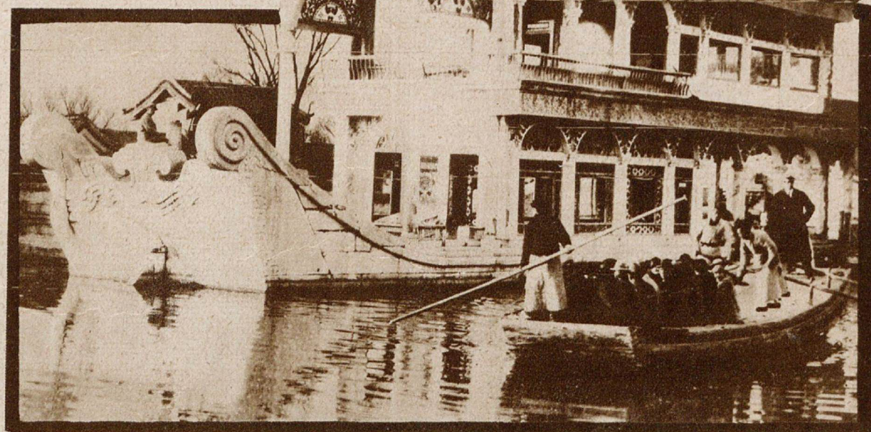
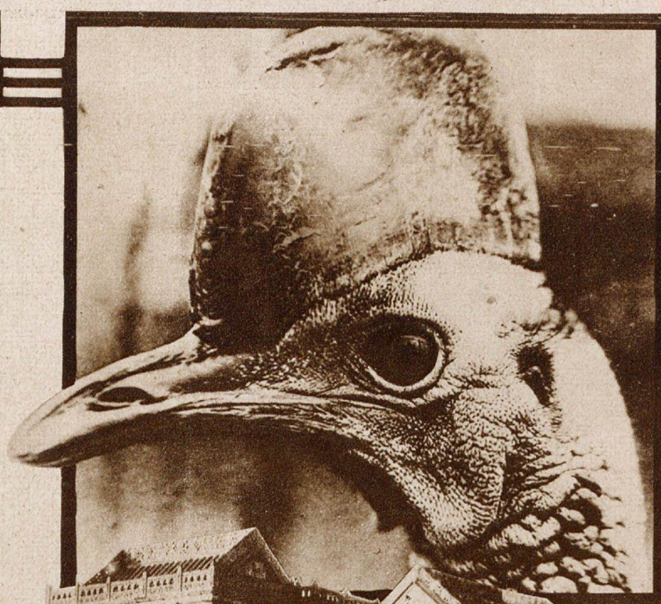
PELAS CINCO PARTES DO MUNDO

A DOENÇA DO PAPAGAIO

A "psytachose" doença transmissivel pelo papagaio, não só determinou na Europa a prohibição da importação da ave faladora, como agita ali um movimento de defesa contra aquelle passaro. O Dr. Hennepe immunisa os papagaios da doença por meio de uma injecção, como se vê na gravura. — PHOTO ATLANTIC

PASSARO DE "CHAPE'U"

Nas selvas da Indo-China existe um passaro curioso que possue uma enorme e original crista, em forma de membrana muito dura, sobre a cabeça. Parece que leva um chapéu de coco...

PHOTO CONSORCIO.

COLLAR AZTECA

O Museu de Los Angeles possue uma collecção de collares aztecas de pedras communs e pesadissimas.

Miss Veotta Mac Kinley, secretaria do Museu, com os collares aztecas

PHOTO CONSORCIO.

UM CURIOSO PALACIO NA CHINA

Os verões na China são compridos e quentissimos. Um chinez riquissimo mandou construir uma casa sumptuosa em marmore, no feitio de um navio, ás margens do rio em Pakin.

PHOTO CONSORCIO.

A "RECLAME" MODERNA

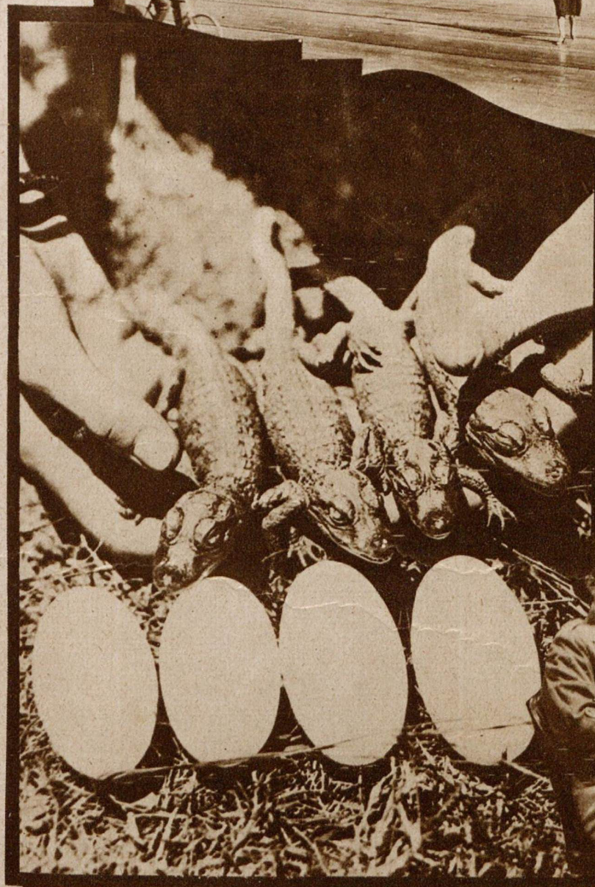
Os trabal ios para a installação de um grande annuncio luminoso numa casa commercial no centro de Paris.

PHOTO CONSORCIO.

O "SOVIET" EM BERLIM

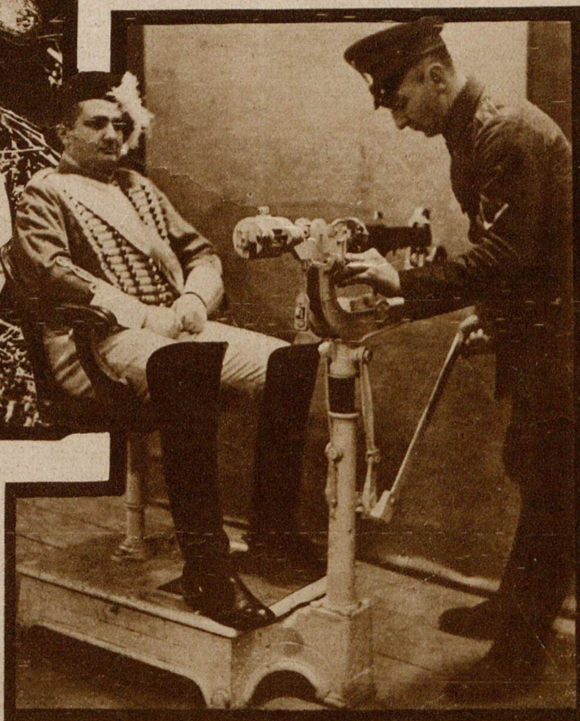
A séde da missão commercial de soviet em Berlim, onde a policia politica allemã prendeu um dos seus directores accusado de exercer a espionagem contra o governo da Allemanha.
(Photo Atlantic)

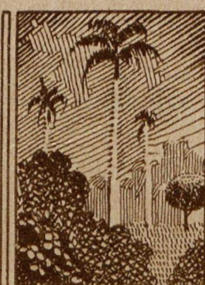
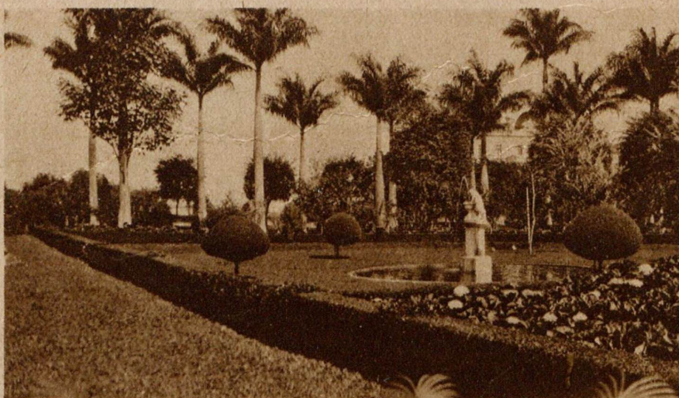
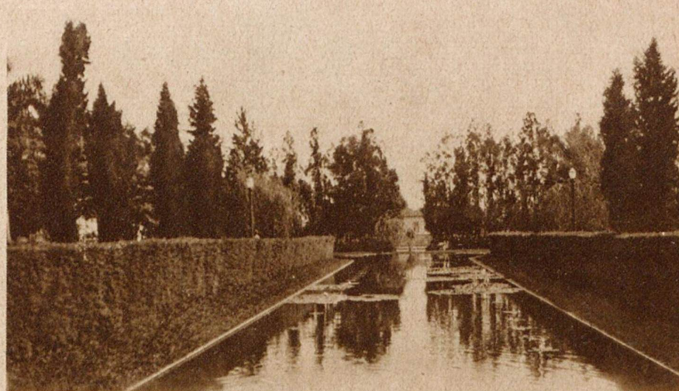
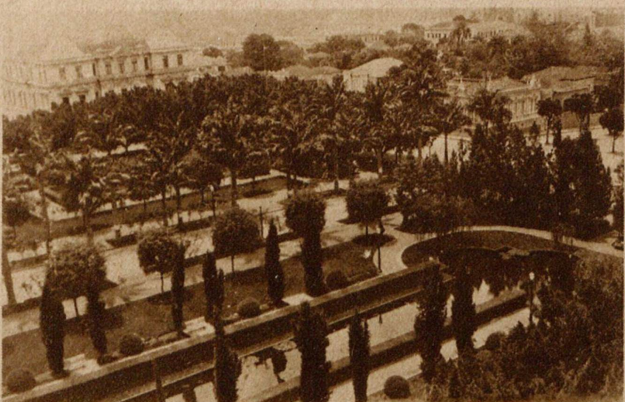
A VOLTA AO MUNDO EM 12 DIAS

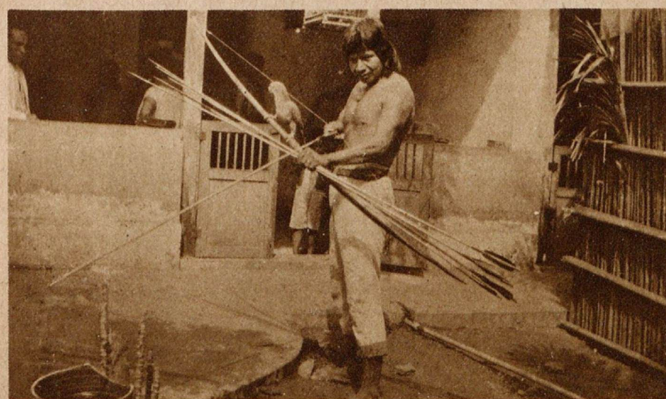
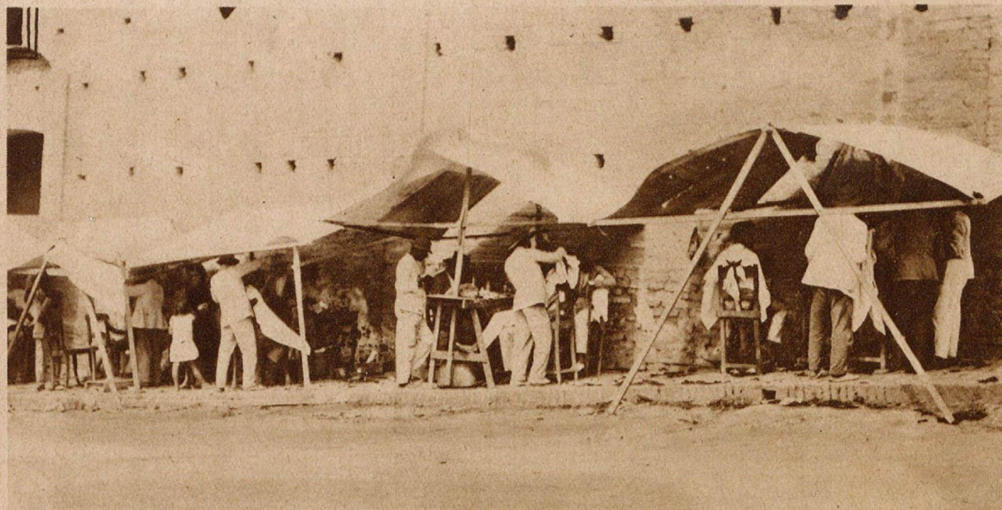
O Sr. John Henry Meares, que já fez o record da volta ao mundo em 23 dias, e que no mês corrente, ajudado pelo aviador Balchen, vae fazel-a em 12 dias.
(Photo Consorcio)

OS PEQUENOS JACARE'S DO ZOOLOGICO DE LONDRES

Grupo de jacarés no momento de sair do ovo. No primeiro plano - ovos de jacaré no periodo edincubacão. — (Photo Consorcio)

A CRIAÇÃO DE CAVALLOS EM WARMBLUTS

Um jockey sendo pesado para entrar na corrida de cavallos de Witzleben, na Allemanha, no Jubileu Turnier, de criação e classificação de cavallos de Warmbluts.— (Photo Atlantic)

A Cidade Jardim
Aspectos e Flagrantes de Bello Horizonte

PHOTOS DO DR. ARY BRASIL

A' ESQUERDA, DE CIMA PARA BAIXO: UM TRECHO DA AVENIDA AFFONSO PENNA. DOIS TRECHOS DA PRAÇA DA LIBERDADE. UM ASPECTO DO PARQUE MUNICIPAL.—A' DIREITA, DE CIMA PARA BAIXO: QUATRO ASPECTOS DA PRAÇA DA LIBERDADE.

Photographias de nossos Leitores

DA ESQUERDA PARA A DIREITA:

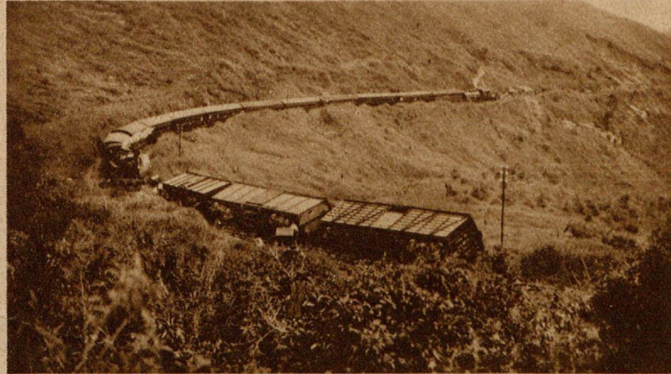
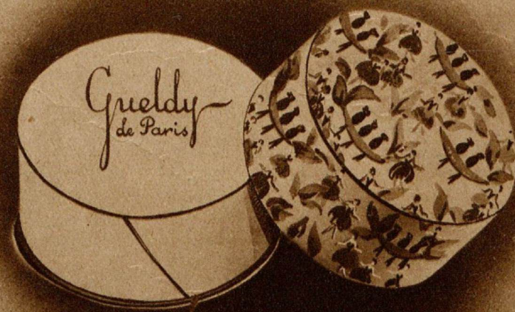
BARBEIROS NA FEIRA DE VICTORIA, PERNAMBUCO. — PHOTO AMADOR MAURICIO.

UM "MATA-PAU" PARASITANDO UM COQUEIRO. — PHOTO CARDOSO JUNIOR.

INDIO DOS SERTÕES DO MARANHÃO, EM CANIDE'. — PHOTO FARIA SIMÃO.

JARDIM DO MERCADO, EM SÃO PAULO E, AO FUNDO, O PREDIO MARTINELLI. — PHOTO PRIMO BITY.

VELHO SOBRADO Á MARGEM DA ESTRADA RIO-SÃO PAULO. — PHOTO LUSIA DE A. N. PORTO.

DESASTRE FERROVIARIO NA SUL-MINEIRA NA SERRA DA MANTIQUEIRA. — PHOTO J. ALVARENGA.

A perseguição religiosa na Russia

O "Soviet" russo determinou a destruição do culto e dos templos. Dessa obra de perseguição contra 980 igrejas e cerca da 200 mosteiros e synagogas, damos alguns instantaneos que formam esta pagina.

O ataque dos soldados do Exercito Vermelho, nos flagrantes juntos, foi feito contra o mosteiro de Simonow. Os soldados retiraram dali todos os objectos do culto orthodoxo e todas as alfaias, mobilisando depois o governo communista 5.000 operarios para transformar o velho mosteiro de Simonow no Palacio da Cultura Proletaria.

Ao alto — As ruinas de um mosteiro dynamitado por ordem do "soviet".

Photos — Atlantic-Presse.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

— Antonico, já que vaes á villa, não te esqueças de trazer-me a hora certa.
— Mas, eu não tenho relogio.
— Não importa, trá-la apontada num papel.

(Do "Buen Humor", de Madrid)

— Infame! como mudaste! Quando eramos noivos atiravás-me os braços ao pescoço!
— Pois, não mudei tanto. Agora atiro-te as mãos.

(Do "Gutierrez", de Madrid)

— Isso não vale! Estás jogando com vantagem.
— Vantagem? Porque?
— Porque trazes a tua irmã para namorar o "goalkeeper"...

(Do "The Passing Show", de Londres)

— Porque te pões essa cara?
— Eu acredito que o retrato não é para um concurso de belleza...

(Do "The Humorist" de Londres)

— Onde vaes, João?
— Vou á casa.
— Pensava que estavas brigado com a tua senhora.
— Por isso mesmo. Lembrei-me agora de umas phrases bem duras para insultá-la.

(Do "The Humorist", de Londres)

O agiota — Acredito que o Sr. me poderá offerecer uma boa quantia para os dez contos, não é verdade?
O joven — Acredito que sim! Hontem fui ouvir uma chiromante que me disse que eu ia herdar uma grande fortuna.

(Do "Le Rire" de Paris).

— Estou desesperado, senhora. Ha tres dias que não como!
A senhora que está de dieta para reduzir o peso — São tolices. Ao principio a mim acontecia o mesmo.

(Do "The Humorist", de Londres).

Para saber Dansar

O "tapete magico" do professor allemão Walter Carlos, de Berlim, destinado ao ensino da dansa.

UM professor de dansa consultado sobre o processo mais rapido para se aprender a dansar, respondeu:—gostar da moça com quem se dansa.

E' uma receita efficaz ou apenas o malicioso commentario de um psychologo? Sem duvida, sendo a dansa o mais sensualista dos divertimentos, o unico que permitte em publico o amplexo dos dois sexos, o attractivo amoroso deve influir consideravelmente, como factor psychico, nas faculdades coreographicas do dansarino. Mas o amor não é professor diplomado de dansa. Não basta amar uma linda moça para se aprender instantaneamente a dansar o fox e o charleston, o tango e o maxixe. A aljava de Cupido ás vezes embaraça os passos ligeiros do bailarino. E', pois, necessario recorrer a outros processos para habilitar o candidato a mover-se ao rithmo da musica e a não pisar os pés da dama. Como se multiplicaram os methodos de aprender a lêr, tambem se multiplicaram os methodos de aprender a dansar, uma vez que a dansa se tornou como que obrigatoria na educação do nosso tempo.

O celebre professor allemão Walter Carlos acaba de criar, finalmente, o processo rapido e decisivo de aprender a dansar, e as demonstrações praticas do seu processo deram resultado surpreendente. O "tapete magico" do professor Walter Carlos ensina a dansar tão perfeitamente como o Duque. As photographias desta pagina valem por uma dissertação sobre o processo; mostram-nos como elle actua arithmeticamente e infallivelmente. Sobre o xadrez numerado, o dansarino tem apenas que seguir as indicações do graphico relativo a cada dansa. Cumprindo á risca essas evoluções, dansará indifferentemente o tango ou o fox. Uma victrola ou um radio substituirá a orchestra, e cada um em sua casa, com alguns discos de gramophone e o "tapete magico" do professor Walter Carlos, aprenderá infallivelmente a acompanhar uma jazz-band e vir a ser um campeão de dancing.

E assim, dia a dia, se vae animando e desenvolvendo a mania da dansa, que empolgou a era moderna. Por toda a parte, nos quatro continentes, proliferam os salões de dansa e as escolas de dansa.

Como todos se recordam, a epidemia da dansa irrompeu nos annos anteriores á guerra. A tempestade bellica interrompeu-a, na Europa, durante os quatro annos de carnificina. Mal assignada a paz na galeria de Versailles, onde dansaram as côrtes licenciosas e ornamentaes de Luiz XIV, de Luis XV e de Luiz XVI, eis que irrompe de novo a epidemia coreographica. Os sobreviventes da hecatombe esquecem no fragor das jazz as trovoadas dos canhões. Tudo dansa: os moços e os velhos, a virtude e o peccado. Entre os factores da decadencia do theatro, cumpre assignalar a dansa e não só o cinema. A influ-

encia da dansa nos costumes é tão sensivel que a Igreja tentou discipliná-la, substituindo aos generos capitosos e estonteadores uma dansa em que não interviessem as tentações demoniacas.

A "furlana" pretendeu vencer o tango e o fox. Mas foi em vão que o anathema religioso fulminou as dansas americanas que assolavam a Europa. Podiamos apostar que o inventor engenhoso do "tapete magico" não previu o ensino da pudica furlana. De qualquer modo, os aperfeiçoamentos introduzidos no ensino da dansa valem mais como um diagnostico do estado agudo em que se mantem a crise coreographica, do que como uma contribuição poderosamente influente para o seu exacerbamento. O dansarino allemão, que acaba de dotar a dansa com um novo methodo, chegou tarde, tal como um pedagogo que se lembrasse de introduzir nas universidades um novo processo de aprender a soletrar.

EM "O CRUZEIRO" OS ANNUNCIOS SÃO PARTE INTEGRANTE DO TEXTO E NELLE COLLOCADOS COMO FACTORES INDISPENSAVEIS Á BELLEZA E HARMONIA DAS PAGINAS.

Influirá a pellicula sonora no gosto musical do publico?

O Cinema decidiu-se a falar. As grandes companhia productoras já filmam, com uma insistencia "record", scenas de uma expressão theatral verdadeiramente maravilhosa. A voz dos idolos da tela vae percorrendo, numa cavalgada triumphal, as principaes casas cinematographicas do mundo.

*

Lawrence Tibett, o famoso barytono da Opera Metropolitana de Nova York, já é um grande astro, já é um actor collossal. Com o advento do film sonoro elle adquiriu uma super-importancia, producto de suas valiosas qualidades como cantor. Um grande critico cinematographico depois de ouvi-lo ficou interessado em conhecer a opinião do grande cantor sobre o film sonoro, não concretamente sobre os "talkies", mas sim, sobre a possivel influencia desta nova modalidade da setima arte.

Influe o cinema sonoro na orientação do gosto musical do publico?

David Blum, chefe da publicidade em espanhol na Metro Goldwyn Mayer, é a quem o critico deve o facto da sua curiosidade ter sido satisfeita; por seu intermedio foi que Lawrence Tibet enviou ao critico umas folhas escriptas com relação ao assumpto, acompanhando-as uma carta muito cordial. Contrariamente a todos aquelles que suppôem ou prognosticam resultados desastrosos á concepção popular da musica baseada na pellicula sonora, Tibett crê firmemente que ella representará um progresso enorme não só na parte que se refere á musica em si mesma, mas nas influencias que ella possa determinar no publico, um gosto musical verdadeiramente relevante.

O radio, disse Tibett, logrou em poucos annos infundir no espirito do publico a apreciação da musica, com maior efficacia do que pudesse um ensino academico durante varias decadas. Antes de se generalisar a transmissão radiographica talvez nenhuma pessôa entre cem conhecesse *O Sonho de Amor*, *A Serenata*, de Schubert, ou algumas das numerosas peças

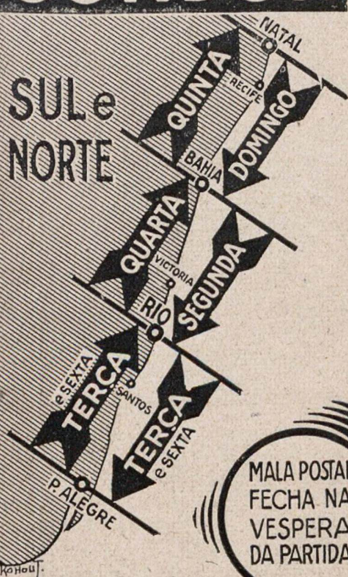
Uma das scenas da MULHE QUE RI, com Clive Brook e Ruth Chalterton, que o Rio vae admirar na presente temporada.

classicas que hoje são familiares a todo o mundo e, actualmente, a pellicula sonora prepara-se para offerecer ao mesmo publico bellezas musicaes em uma esphera mais ampla. Lawrence Tibett, depois de umas phrases de desculpa para a sua immodestia passou a offerecer, como exemplo ratificador de suas primeiras affirmações, a pellicula *A Canção do Vagabundo*, da qual elle é protagonista. Um magnifico drama russo, diz, dirigido por Lionel Barrymore, o formidavel ex-actor. Neste film ha seis numeros de canticos, cinco dos quaes são de Tibett e o outro da prestigiosa soprano Elsa Alsen, secundada por um coro feminino. Os numeros musicaes, compostos por Herbert Stenart, notavel musico, e Clifford Gray, autor do libreto, adherem-se plenamente ao ideal da opera selecta, com uma orchestra completa, cincoenta musicos, dirigidos pelo compositor.

Admitto, continúa, que a reproducção de films falados ainda dista da perfeição em muitos theatros. Mas não está muito longe o dia em que os engenheiros solucionem este problema; porque (do mesmo modo que o radio) o publico vae exigindo, pouco a pouco, uma producção mais perfeita. O mais importante, no entender do grande cantor, é a enorme circulação que a boa musica alcançará por meio deste novo systema adoptado pelo cinema. Em poucas semanas esta novidade fez conhecer por todas as partes os numeros musicaes de *O Pagão*, *A Melodia de Broadway* e outras producções sensacionaes. Logico é, portanto, que o mesmo aconteça com as musicas mais elevadas. Dentro em breve o publico começará a conhecer, compreender e estudar os trabalhos magistraes de Bach, de Wagner, Puccini, Leoncavallo, Dvorak e de Verdi. O grande director Lionel Barrymore que tambem é um compositor de fama nos Estados Unidos, tambem compartilha da opinião do barytono. O facto de que os musicos da categoria de Stehart se tenham decidido a trabalhar para o cinema demonstra que elles percebem claramente o brilhante porvir do cinema sonóro. Lawrence Tibett termina, dizendo ao critico cinematographico que em breve prazo de tempo estará de regresso ao Opera de Nova York para cantar logo — outra vez —ante o microphone. Assegura que este apparelho lhe permittirá estudar refinamentos subtis que dizem respeito á technica, e que por vezes passam desapercebidos através o espaço que separa a scena da platéa do theatro. Despede-se do chronista confiante de que a pellicula sonora saberá orientar perfeitamente o gosto musical do publico mais indifferente.

❖ ❖

Os brilhantes de Lily Damita

O publico não deve dar integralmente credito a essas biographias de estrelas que os directores dos departamentos de

publicidade dos studios *yankees* espalham pelo mundo. A auto-biographia de Lily Damita, por exemplo parece que está cheia de inverdades. Ella conta de maneira novellesca de como conheceu Samuel Goldwyn. Mas, o que de verdade aconteceu, segundo se sabe, a coisa se passou do seguinte modo:

Samuel Goldwyn achava-se num restaurante em Paris, em companhia de sua esposa, quando, de subito, entrou uma mulher carregada de brilhantes. Era uma verdadeira vitrine animada de joalheria. O numero de brilhantes que ella levava era tão grande, que por força, havia de ser uma grande actirz. Isso é que fez com que Samuel Goldwyn viesse a travar conhecimento com Lily Damita...

❖ ❖

Outra scena de MULHER QUE RI

❖ ❖

A correspondencia das estrelas

O vulto da correspondencia recebida pelas estrelas do cinema permittiu formular uma regra mediante a qual se pode medir o seu prestigio e que será assim enunciada:

"A gloria dos artistas cinematographicos mede-se pela quantidade de cartas que lhes entrega annualmente o correio".

A titulo de curiosidade, os nossos leitores encontrarão abaixo o numero exacto de cartas recebidas, durante o mês de Dezembro ultimo pelas principaes figuras da tela americana:

Clara Bow	33.272
Billie Dove	31.128
Greta Garbo	25.784
Charles Rogers	19.618
Coleen Moore	15.002
Mary Pickford	14.305
Richard Dix	12.111
May Mac Avoy	12.000
William Boyd	11.639
Mary Brian	11.325
Douglas Fairbanks	10.097
Bebe Daniels	10.190
Charles Farrell	10.112
Janet Gaynor	9.654

Veja-se como a estatistica indica a queda da popularidade, como, por exemplo em Mary Pickford, que occupa já hoje em dia o sexto logar.

❖ ❖

Harold Lloyd e Barbara Kent numa nova versão synchronizada do film «Wellcome Dernger», da Paramount.

❖ ❖

Quem era o pae de John Gilbert

A morte do velho actor John Pringle, occorrida já ha algumas semanas, é um drama estranho na vida deste mundo fantasista. Foram poucas, muito poucas, as pessôas que acompanharam até a derradeira morada, os restos mortaes do desconhecido pae de uma das mais celebres e populares figuras da tela. John Pringle era o pae de John Gilbert, que não obstante, nunca o viu desde os tres annos. Quando Gilbert era uma criatura ainda pequena, o actor Pringle abandonou sua familia e perdeu-se por entre a massa humana do mundo. Vagabundo incorrigivel, organisou companhias de theatros que sempre tiveram um final financeiro desastroso, tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro. Poucos annos depois a progenitora de John tornou a casar-se, e o hoje popular idolo cinematographico americano, tomou o nome de seu padrasto sr. Henry Gilbert. Ha coisa de tres annos o velho actor Pringle, pobre e enfermo, appareceu como um fantasma entre os "extras" de uma pellicula, na qual seu filho era a figura principal. Apparatosamente trajado de principe, como exigia o seu papel, John Gilbert era acclamado pelo povo e seus personagens da corte, emquanto que o velho John, para ganhar tres dollares, encontrava-se enfileirado entre os soldados, promptos para apresentarem armas ao primeiro grito do ajudante de director. Tendo provado a sua identidade, o velho actor conseguiu viver com seu filho na formosa habitação deste em Beverly Hills. "Meu pobre pae chegou demasiado tarde para minha companhia", disse Gilbert enxugando as lagrimas, ao terminar a leitura de um telegramma pelo qual o avisavam da triste nova.

John Gilbert e sua esposa Ina Claire encontravam-se em Chicago quando receberam a noticia do fallecimento de mr. Pringle.

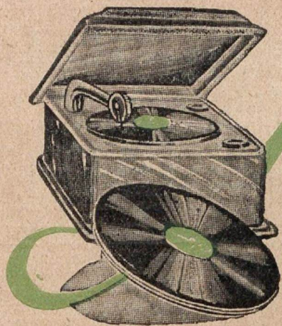
O casamento de Carol Dempster

Acaba de contrair matrimonio a conhecida artista Carol Dempster, uma das mais famosas protagonistas das peliculas de W. Griffith. O seu esposo, sr. Edwin S. Larsen, é uma figura de destaque nos centros commerciaes novayorkinos. Após a cerimonia, os nubentes embarcaram pelo "Leviathan" rumo ás costas francêsas. Durante sua lua de mel na França, é muito provavel que Carol Dempster trabalhe como "partenaire" de Adolphe Menjou em uma serie de pelliculas que este actor fará para A Companhia Geral Cinematographica.

FIGURAS e FACTOS da Semana

Ao alto — Homenagem prestada pelo Centro Carioca á memoria de Ferreira de Araujo, o jornalista fundador da "Gazeta de Noticias", por occasião da passagem do seu 84.º anniversario, em frente á herma levantada áquelle homem illustre no Passeio Publico.

A menina Alecticia, filha do casal Dr. Cumplido de Sant'Anna, director do "Diario da Noite" e um aspecto do chá que offereceu na residencia de seus paes, no dia do seu anniversario natalicio.

A senhorinha Yolanda França, cantora diplomada pelo Instituto de Musica.

Como perfeição de gravação orchestral, um dos melhores discos que temos ouvido é o 6.994 VICTOR. Mas não é só pela technica que se recommenda. A execução que Toscanini obtem da Philarmonic-Symphony Orch. de Nova York para os celebres *Preludios* do I e III actos da Traviata é inolvidavel. A doçura empolgante dos violinos tem quase o poder suggestivo da voz humana. O 6.994 deve figurar na collecção de quantos amam a musica que nos fala ao coração. Que Journet é um grande cantor, sabemos todos nós que o ouvimos no Municipal. Entretanto, através da gravação, perde muito. E' que sua voz não é phonogenica. Porque ha vozes phonogenicas como ha rostos photogenicos. Nos discos, sua articulação não tem a nitidez habitual; as inflexões diminuem o poder expressivo. Apesar disto o n.º 1.123 em que nos dá a *Serenata da Damnação de Fausto* e a aria da *Jolie Fille de Perth: Quand la flamme de l'amour*, ouve-se com prazer, principalmente pela ultima parte. Em compensação, a voz de Schipa é registavel com absoluta fidelidade. O n.º 1.187 com *Fantaisve aux divins mensonges, de Lakmé*, e o *Canto de Ossian*, de *Werther*, é admiravel pela emoção que nos transmitte e pelo cuidado da apresentação technica. Optimo disco.

A' COLUMBIA devem os apreciadores da escoal francêsa de canto alguns dos melhores discos que vêm ao Rio, discos que se recommendam pela escolha de artistas e escellencia da gravação que nos permittem admirar as qualidades dominantes da escola. Emissão natural, clareza de articulação, justeza emotiva das inflexões, estylo e rythmo. Pois que nos falta espaço, para critica, limitemo-nos á simples citação de alguns: 12.051 com o barytono G. Villier, da Opera Comica, nos *Couplets de Ounias*, de Mireille, e numa aria da Resureição, de Franco Alfano; mlle. Denya, da Opera, no n.º 15.077, em dois trechos das Bodas de Figaro e o n.º 14.252, em que o grande duo do acto II da Traviata é cantado pelo barytono Viller e mlle. Nespoulous, da Opera. Ha dois discos Columbia, de gravação nacional que merecem larga divulgação: os numeros 20.006 e 20.007 em que Cornelio Pires imita admiravelmente o canto de algumas aves e o *falar* de animaes da fauna brasileira.

ODEON edita dois tempos da *Symphonia em re maior*, de Schubert: allegretto e minueto, executados com sentimento, leveza graciosa e precisão rythmica. Bella interpretação da orch. symphonica sob a regencia de Erick Kleiber e bella gravação. (n.º 7.231). Notavel é o n.º 1.636, com o sólo de cithara, tocado por F. Muhlholzı: *Fantasia de Celesta*. O que o som deste instrumento tem habitualmente de secco, impessoal, desagradavelmente metallico, desapparece e ouvimos com prazer uma sonoridade unctuosa, encorpada, traduzindo a emoção do bello artista que é F. Muhlholzl. Disco muito interessante.

A interpretação que J. Rodenstock dá á V *Symphonia de Beethoven*, com a orch. da Opera de Berlim, está perfeitamente nos moldes habituaes dos bons regentes. Dizer da obra do genial compositor seria ridiculo. Todos os elogios possiveis já foram feitos por mais competentes do que nós. Entretanto, a execução não nos parece perfeita como as que habitualmente nos offerece Parlophon. E' que ha uma desafinação dos instrumentos de sopro (face *a*, n.º 20.073) que offende desagradavelmente. Fóra isto a execução é boa. A gravação é magnifica de nitidez e equilibrio entre os differentes naipes,—se o não fosse, talvez a desafinação passasse desapercebida (Parlophon numeros 20.070 a 20.073).

Da BRUNSWICK destacamos o 15.190 com o *entreacto e a valsa* de Coppelia, de Delibes, e o *Preludio em dó sustenido menor*, de Rachmaninoff, admiravelmente bem executados pela orch. de Cleveland, regida por Sokioloff e gravados com esmero.

CONCERTO DE MUSICA SERIA

VICTOR — 6.547 — Wagner — O Navio fantasma — ouverture, pela orch. Philarmonica de Nova York, regida por Mengelberg.

COLUMBIA — 18.024 — Verdi — (a) Trovador — Miserere, por Aranci — Lombardi, F. Merli e côro — (b) Aida — Nume custode e vinduce, por T. Pasero, F. Merli e coro.

VICTOR — 9.485 — (a) Mozart — Cosi fan tutte, ouverture — (b) Verdi — Um ballo in maschere, ouverture, pela orch. da Opera de Berlim, reg. por Léo Blech.

BRUNSWICK — 15.194 — (a) Verdi Rigoletto — La donna é mobile — (b) Donizetti — Don Pasquale — Com'é gentile, pelo tenor Mario Chamlee.

COLUMBIA — 16.439 — (a) Zandonai — Ave o Maria — (b) Luardi — Gesú in croce — pela Academia Femminil' de canto coral e coros masculinos do Scala.

VICTOR — 6.585 — Wagner — Tristão e Isolda — preludio, pela orch. symphonica de S. Francisco, reg. de Alf. Hertz.

COLUMBIA — 14.561 — Verdi — Othello — (a) Monologo — (b) Niun mi tema — pelo tenor S. Salazar.

VICTOR — 1.158 — (a) Lehar — Kreislar — Serenata de Frasquita — (b) Kreisler — Serenata, para violino, por F. Kreisler.

COLUMBIA — 14.707 — Leoncavallo — I Pagliacci — E allor perchê, duo pela soprano Rosetta Pampinini e barytono G. Vaneli.

VICTOR — 21.300 — Carlos Gomes — O Guarany — ouverture, pela orchestra symphonica Victor.

CONCERTO DE MUSICA LEVE

ODEON — 10.580 — Pirajá — (a) Riso e Pranto — (b) Não, canções, por G. Formenti.

BRUNSWICK — 4.320 — (a) Davis — Thar's how I feel about you — (b) Shapiro — If I had you, para orgão, por Eddie Dunstedter.

PARLOPHON — 12.211 — (a) Pettorossi — Esclavas blancas — (b) Mors — Princesitas Rojas, tangos cantados por José Moreno e orch. Mirecki.

ODEON — 10.585 — Mozart Bicalho — (a) Odeon, marcha — (b) Gottas de lagrimas, valsa, sólos de violão, por Mozart Bicalho e II violão por Glauco Vianna.

BRUNSWICK — 40.632 — (a) Buck — Cancion de los boteros del Volga — (com choro) — (b) Schubert — Serenata, pela orch. Luiz Katzman.

MUSICA DE DANSA

PARLOPHON — 12.213 — (a) Nussbaum — Fascination — (b) Berlin — Roses of yesterday, foxes, pela jazz band Hans Schindler.

PARLOPHON — 12.206 — (a) Turk — Marianne — (b) Parker — How am I to know? foxes, pela orch. Smith Ballew

ODEON — 10.583 — (a) Edwards — Chora Palhaço, fox — (b) Olympio Bastos — Justo soffrer, valsa, por Mesquitinha.

PARLOPHON — 12.207 — (a) Green Do something — (b) Ruby — I'll always be in love with you, foxes, pela orch. Caroline Oule.

PARLOPHON — 12.209 — (a) Bizarra, mazurka — (b) Sentinella alerta, polka, pelos Quatro Siciliani.

MUSICA REGIONAL

COLUMBIA — 5.189 — (a) Stefana de Macedo — Como se dobra o sino — (b) J. Pernambuco — Maneca dos Geraes, por Stefana Macedo, acompanhada por J. Pernambuco.

ODEON — 10.581 — (b) A. Bello — Canção da Sertaneja — (b) A. Calheiros Muié teimosa, samba, por A. Calheiros e os Turunas da Mauricéa.

BRUNSWICK — 10.037 — H. Prazeres — (a) Tia Chimba, embolada — (b) Vou-te abandonar, samba, canto por P. Oliveira e Grupo Prazeres.

ODEON — 10.575 — (a) M. Silva — Teu olhar — (b) Wan Tuyl Carvalho — Foram dizer, sambas, por A. Calheiros e orch. Pan American.

PARLOPHON — 13.117 — H. Marsicano — Elle vae, marcha carnavalesca — (b) Isto assim não pode ser, samba carnavalesco, por Zéca do Norte e orch. Simão Nacional.

BRUNSWICK — 10.039 — (a) Zé da Pavuna — Saudades de Pierrot — por A. Cassell — Trem da Pavuna, por Bidu e orch. Brunswick.

ODEON — 10.582 — A. Albuquerque — (a) Ah João! couplet comico — (b) Cabrocha, tango paródia, por Alf. Albuquerque.

F. G. D.

"O Cruzeiro" nos Estados

Vista parcial da cidade de Pelotas, E. do Rio Grande do Sul, apanhada de avião. (Photo Oswaldo Cunha)

O Carnaval de Santa Victoria do Palmar, Rio Grande do Sul.—"Uma familia antiga" organisada, da esquerda para a direita, pelas senhorinhas Livia Pinto, Amelia Ribeiro, Clara Pinto, Analia O. Russomano e o menino Luiz Carlos Russomano Estrella.

Feira em Alagoas do Monteiro, na Parahyba do Norte. (Photo Barcellos)

Vista de Cametá, no Rio Tocantins, Estado do Pará.

Trechos da rua Coronel Francisco Torres, tendo ao centro a igrejinha construida em 1833, em Presidente Prudente. (Photo Barcellos)

Madame Thérèse Clemenceau, correspondente de "O Cruzeiro" em Paris, attenderá sempre com prazer todas as consultas que lhe diriam as senhoras brasileiras.

33 Rue du Colisée — Paris
Tel.: Elysées 01-79

Por Mme Thérèse Clemenceau

Redfern

A collecção de Redfern é joven, fresca e brilhante. E' animada pelas cores doces, duma grande pureza, entre as quaes o verde esmeralda um pouco desbotado e a rosa colorida me pareceram dominar as combinações de cores. E' esta a melhor e a mais bella maneira de tratar os coloridos escuros e claros, oppondo-os uns aos outros, mas, bem entendido, para isso é preciso ter um profundo conhecimento dos tons.

O branco e o preto destacam-se entre os modelos Redfern em impressões impressionantes. Os comprimentos accentuam-se agora; os "tailleurs", "os manteaux" de viagem e de sport ainda se manteem á altura da meia perna. A' noite todas as saias tocam o chão deixando de ser irregulares para se tornarem de uma regularidade absoluta.

Vestido "Plastronnette". Modelo Philippe & Gaston.

E' verdade que o corte da saia é curto, mas os "blousants" que a cercam, dão-lhe a extensão exigida pela moda. Assim a linha a que actualmente estamos sendo submettidas é muito seductora sob todos os pontos de vista.

Os quadris são nitidamente indicados pelas "empiecements" alongadas que fazem precisamente a metade da saia, sendo que a outra parte é feita pelos longos pregueados cruzados.

Depois vemos ideas de capa em todos os generos; por debaixo das mangas, em collarinho em torno do pescoço ou das espaduas, em pequeninos manteletes, companheiros de vestidos ligeiros, apparecendo em todos os generos com um ar quente ou fresco.

Chapéu "Vogue" em feltro ladeado por tres cordões grossos de tons differentes. Modelo Marcelle Roze.

Se eu vos disser que encontrei, em torno á cinta de alguns modelos, uma certa reminiscencia de capas, talvez fiqueis surpreendidas, não? Pois é verdade, encontrei-as na graça dos "volants" que envolvem certas saias, indicando assim uma linha nova. Eis aqui uma outra novidade. As mangas desappareceram de uma grande quantidade de modelos. As blusas transformam-se em colletes sem mangas; nos vestidos de dia não tem vantagem essa innovação porque obriga a usar-se, para completar o trage, um pequeno "manteau" ligeiro feito do mesmo tecido do vestido. Quando olhamos as mangas modernas não nos apercebemos que ellas vão além do cotovello.

Vestido e capa em "foulard" ragé azul e branco. Modelo Blanche Le Bouvier.

Ha outros detalhes na indumentaria feminina—os boléros. Vejo aqui verdadeiros boléros em todos os generos, tanto em tecidos de lã como em tecidos de seda, que servem de pequena casaco dos vestidos tanto de dia como de noite. E as combinações feitas com esses boléros são verdadeiramente encantadoras.

Redfern parece que se interessa de um modo muito vago pelas manteaux de "trois-quarts" e reserva a sua affeição ás jaquettas muito curtas para os vestidos "tailleur" ou vestidos de dia, como os seus "manteaux" para a noite não são, em comprimento, além dos quadris.

Admirei ali um maravilhoso "ensemble" em setim grego em que a saia comprida aperta as cadeiras e o busto por pregas "religieuse" atravessadas.

Vejo em seguida um casaco em taffetá azul florido que combina com um vestido de noite feito em mousseline de seda reproduzem o mesmo desenho e as mesmas tonalidades do casaco.

A grande e bella leveza dos vestidos pre-

tos, mates ou brilhantes, a nobreza dos materiaes empregados e esta frescura geral que se regista sobre toda a collecção de Redfern, marca a orientação da sua moda de verão.

Madeleine

Mlle. Madeleine será sempre a perfeita interprete do corpo feminino. Ella sabe valorisar as suas formas e a sua linha que nada perdem através dos estofos que as encobrem.

Ella realiza o milagre de saber adaptar bem o seu talento de modelista aos gostos modernos.

O sport é encantador; os costumes de banho casam-se ás saias de praia em tons violentos ou calmos; as capas de meio comprimento, de tons escuros, traçam-se sobre o conjuncto presas por uma especie de pequeno "beret" sortido collocado audaciosamente ao lado. Depois alguns "tailleurs" e vestidos simples feitos em lã unida ou de pequenissimos desenhos, tons praticos dominam no marron grisalho. Recordo-me de um tom "cassis" com o qual Mlle. Madeleine joga com uma grande delicadeza artistica. Esse tom empregado sosinho ou misturado dá ao vestido, com a sua presença, uma extrema distincção. Assim num vestido de crepe da China branco elle entra na composição formando o collete. Onde esse tom apparece desperta um vivo interesse.

Bellos manteaux, leves pelerines, echarpes curiosas encontram-se como ornamentos talhados nos proprios vestidos—ficam de uma leveza maravilhosa.

Os vestidos são pretos para as tardes elegantes; os quadris são apontados num drapeado de lado que sóbe até á cintura que, em geral, sóbe um pouco. O comprimento das saias pareceu-me excellente na sua proporção muito bem estudada.

Falarei com vivo prazer dos vestidos para a noite que são triumphaes!

Ricos e sumptuosos, simples e puros, é difficil ver um conjuncto assim tão perfeito. Todos brancos, ha-os em renda ligeira, em bordados scintillantes com descripção; em georgette unida, um "gaille" muito grosso.

As "toilettes" pretas são enfeitadas com motivos de diamantes ou com "epaulettes". Alguns são em azul suave e puro. Admirei um vestido de renda extra-fina preta envolvida por uma outra renda cor de "marron-dinde", assim como uma certa e longa tunica de renda preta sobre um vestido inteiro de renda cor de carne. Um jogo encantador de "mitaines" em tulle são a continuação de mangas curtissimas e dão-nos a illusão do seu comprimento até as mãos. Uma multidão de detalhes prendem e augmentam o interesse a todo o instante, sentindo-se com isso o alto senso da modelista compondo este conjuncto de criações, não se sentindo o esforço empregado pela artista, tal a inspiração que domina com maestria cada obra prima apresentada.

Eu não sei, nem quero saber, como foi que os moralistas receberam a Moda Nova. Limito-me a observar o facto, que é incontestavel: a transformação radical da moda feminina. Passamos, dum salto, da altura encantadora daquellas exiguas e deliciosas saias curtas, que eram quase uma tanga, para o inesperado regimen severissimo da saia comprida.

⚜

E na nova moda, que nasce com um ar solenne de reparação moral, o que é mais curioso é procurar e conhecer as suas origens. Ao contrario do que muita gente pensa, não foram as imposições dictatoriaes do sr. Mussoline, nem as predicações doutrinarias da Igreja que determinaram a surpreendente innovação. Basta dizer que, a conselho do Papa, de Affonso XIII e do sr. Mussoline, M. Poiret já tentara, ha de haver um anno, ou talvez mais, um "golpe de Estado" contra a saia curta, sem nada conseguir. De sorte que só uma conclusão no caso é aceitavel: que a moral, a lei e a religião nenhuma influencia tiveram na actual modificação da moda feminina.

⚜

Aquillo que o Papa não conseguiu com as suas encyclicas infalliveis, nem as autoridades facistas com os seus decretos irrevogaveis, nem os moralistas de todo o mundo com os seus anathemas e as suas coleras, conseguiu-o summarissimamente o costureiro parisiense. Um simples manequim de Worth e Vionnet deitou por terra o prestigio da saia curta, que resistira a todas as campanhas!

⚜

A moda de agora é tudo quanto ha de mais severo, de mais grave, de mais discreto. Do joelho a saia desceu subitamente ao tornozello! E com uma rapidez fulminante. Gastou talvez menos tempo na quéda do que na ascensão... E é preciso notar uma coisa: a saia feminina estava tentando o "record" de altura...

⚜

Essa brusca e imprevista queda, porém, para servir-me de uma imagem que me parece exacta, foi como o panno de boca de um theatro, que caisse depois de terminado o acto, quando já toda gente tivesse visto o scenario... Realmente os "scenarios" eram interessantissimos, mas já estavam muito vistos... Creio mesmo que na scenographia anatomica das mulheres, não havia mais nada para ser visto ou ser mostrado.

⚜

Essa febre de nudez, aliás, datava de alguns annos. Seguiu os ultimos dias da guerra, alcançou o Armisticio, prolongou-se pelos dias da Paz, e com um pequeno hiato de um anno ou dois, chegou até o nosso momento, numa vertigem que era cada vez mais febril e inquietante.

⚜

Em todo caso, nós nos acostumaramos com a moda. E o escandalo surdiu foi agora, com o advento da saia comprida. Donde se conclue que tinha razão M. Bergeret quando dizia, na Ilha dos Pinguins, que no dia em que toda gente andasse nua, faria um grande sucecsso a mulher que surgisse vestida... a roupa, então, havia de tornar-se simplesmente immoral. E foi isso o que succedeu. Ao apparecerem ha pouco na cidade as primeiras mulheres vestidas, houve sensação houve vaias, e foi um exito excitante de escandalo! E é esse o aspecto mais curioso da questão, não tenham duvida.

PEREGRINO JUNIOR

ÉCOS DO CARNAVAL

Bloco Gitanas de Cambuquira. Este bloco ganhou o 1º premio no concurso de blocos realizado na elegante estação de aguas mineraes, em Minas. Era constituido por senhorinhas e rapazes da nossa élite social que ali estavam passando o verão.

Noticiario

Anniversarios da semana

DIA 7:

Snha. Carmen, filha do dr. Carlos Loureiro.
Sra. Clarinda Soares Carneiro, esposa do capitão Soares Carneiro.
Sra. Dr. Cicero Penna.
Sra. Arminda Ferreira Braga, esposa do sr. Antonio Braga, do alto commercio do Estado do Rio.
Sra. Beatriz Cardoso Pinto, esposa do sr. Carlos Ferreira Pinto.
Sra. Guiomar Pereira, esposa do sr. Arthur Pereira, empregado no commercio desta capital.
Dr. Caermont de Brito.
Dr. Aurelio Rivéra.
Dr. Octavio Accioly.
Coronel Cesar Augusto de Carvalho.
Sr. Oswaldo Pinto Ribeiro, nosso activo auxiliar.

DIA 8:

Snha. Iracema, filha do general Theotonio Gonçalves Ferreira.
Sra. Ricardina Nesi, esposa do dr. Salvador Nesi.
Sra. Odette Prado Lemos, esposa do sr. Mario Lemos, funccionario da Estrada de Ferro Central do Brasil.
Sra. Theodora Mendes, esposa do sr. Carlos Mendes.
Sra. Almerinda Vasconcellos, esposa do sr. Antonio Vasconcellos.
Sra. Juracy Cardoso Borges, esposa do sr. Octavio Borges, funccionario publico.
Dr. Aloysio de Araujo.
Dr. Attilio Corrêa Lima.

PRODIGIO

—Que idade tem D. Elvira?
Parece em pleno arrebol...
—Já fez sessenta... — Mentira!
São milagres do EUCALOL!...

Dr. Decio Coutinho, professor do Collegio Militar.
Sr. Carlos Mendonça.

DIA 9:

Snha. Regina, filha do sr. Adriano da Silva.
Snha. Odette, filha do sr. Carlos Moreno de Almeida.
Sra. Cecilia Durão da Graça, esposa do commandante João Cordeiro da Graça.
Sra. Mathilde Brandão, esposa do capitão Henrique Brandão.
Sra. Etelvina Villaça, esposa do sr. Raul Villaça.
Sra. Irene Ferreira Pinto, esposa do sr. Adolpho Pinto, funccionario do Departamento Nacional de Saude Publica.
Dr. Francisco Alexandrino.
Dr. Carlos Lopes Sayão.
Dr. Edgard Vasconcellos.
Dr. Edgard Abrantes.
Dr. Rocha Faria.
Major Carlos Espirito Santo.

DIA 10.

Snha. Jandyra, filha do sr. Antonio Cruz Ferreira.
Sra. Desembargador Cavalcante Mello.
Sra. Ida Gonçalves de Souza, esposa do sr. Joaquim T. de Souza.
Sra. Clara Mendes Pereira, esposa do sr. Oscar Mendes Pereira.
Sra. Octacilia Gonçalves Barroso, esposa do sr. Luiz Barroso.
Sra. Clotilde Braga, esposa do sr. Olavo Braga.
Dr. Americo Baptista.
Dr. Nascimento Guedes.

ECOS DO CARNAVAL

A menina Rosa Maria, filha do casal Julio Medeiros-Regina Valladares Medeiros.

Dr. Julio Bernardino Costa.
Sr. Alfredo Arthur Parisn, ex-superintendente da Western Telegraph Company, em Buenos Aires.

DIA 11:

Snha. Lucia, filha do dr. Ludovico Berna.
Snha. Durvalina, filha do major Ignacio da Silva Bueno.
Snha. Maria Antonia, filha do dr. Octavio Antonio da Costa, juiz de direito em Nictheroy.
Sra. Clara Botafogo, esposa do marechal Gabriel Botafogo.
Sra. Maria da Gloria Moura Brasil, viuva do dr. Moura Brasil.
Sra. Vera Cavalcante, esposa do dr. Cavalcante de Albuquerque.
Dr. Raymundo Miranda.
Dr. Sylvio P. de Abreu.
Dr. Angelo Pinheiro Machado Filho.
Dr. João José Marques de Oliveira.
Major José Ferreira Guimarães.
Capitão Mario Novaes

DIA 12:

Snha. Stella, filha do dr. Roberto Gomes Tarlé, nosso collega do "Jornal do Commercio".
Snha. Djanira, filha do dr. Victorino Maia Junior.
Snha. Maria Carmen, filha do commendador Augusto José Ferreira.
Snha. Candida, filha do capitão Silva Freire.
Sra. Eugenia Militão de Almeida, esposa do dr. Ermenegildo Militão de Almeida, lente da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.
Sra. Carolina Silva de Oliveira, esposa do dr. Alfredo E. de Oliveira.
Sra. Anna de Oliveira Silva, esposa do capitão João Brasil Silva.
Dr. Victor da Cunha.
Major Armando Pinho Soares.

Coronel Marcolino Barreto.
Major Oscar de Araujo Fonseca, fiscal do Collegio Militar desta capital.

DIA 13:

Snha. Vera, filha do dr. Hilario Luiz Lintz.
Sra. Ruth Gomes de Medeiros, esposa do capitão Julio Cesar de Medeiros.
Sra. Julieta Couto Freitas, esposa do dr. Rodoval de Freitas.

Sra. Henriqueta Barcellos Potyguara, esposa do general Tertuliano Potyguara, deputado federal pelo Estado do Ceará.

Sra. Clara Braga Ferreira, esposa do sr. Antonio Ferreira.
Sra. Albertina Mendes Barbosa, esposa do sr. Carlos Barbosa.
Sra. Gumercinda Pereira, esposa do sr. Adolpho Pereira.
Dr. Bernardino Pontes.
Dr. Affonso Faller.
Dr. Eduardo Fonseca Hermes.
Dr. José Mariano Filho.
Dr. Ivo Pagani.
Professor Jeronymo de Paiva e Silva.
A 31 de março passou o anniversario da nossa leitora senhorita Jacy Garangau, distincto elemento social de Aracajú.

ÉCOS DO CARNAVAL

Ainda um grupo do Carnaval em Therezopolis, vendo-se as senhorinhas Sylvia C Bastos Tigre, Rosita Zargua, Selene Bastos Tigre e o joven Helio Bastos Tigre.

Fallecimento

UMA GRANDE DAMA QUE DESAPPARECE

A alta sociedade carioca acaba de soffrer um golpe dolorosissimo: o fallecimento, subito, imprevisto, prematuro, da illustre e brilhante senhora Jovelina Prado Peixoto. Dama de altissimos predicados moraes, de espirito e de educação, a senhora Jovelina Prado Peixoto sempre se soube cercar de um ambiente de admiração e reverencia. Dispondo do segredo de se

D. Jovelina Prado Peixoio

fazer querer, as amizades que contava eram tão numerosas quanto sinceras. Tendo tido consciencia segura da morte, a senhora Jovelina Prado Peixoto portou-se com uma resignação estoica e commovedora. A saudade que todos quantos tiveram a ventura de conhecê-la lhe consagram jamais deixará que se apague do espirito da aristocracia brasileira a memoria encantadora dessa perfeita grande dama.

A Santa das casadas infelizes

(Conclusão da pag. 21)

estivesse vendo. O rev. Celestino, vendo o meu pavor, teve uma revolta de féra, lembrando-se desse detalhe do crime. Vi, num relampago, um tigre assanhado encher a doce batina do padre Celestino. Mas foi por um momento. O seu vigario logo esmagou o seu immenso odio, e continuou, com uma serenidade christã:

—Assim o assassino ficava viuvo para se casar com a sua concubina. Alguem, ou ninguem, ou a mão de Deus — e o seu vigario rolou os olhos resignados para cima, para o céu — foi pôr as flores num vaso, sob o retrato da assassinada, na sala de visitas. As flores lá ficaram... Você compreendeu?...

—Compreendi. Tudo isso foi uma combinação do assassino com a sua amasia, que foi quem mandou as flores, e quem escreveu o bilhete. Uma cilada dos bandidos...

—Isto mesmo. Vem o jury, e absolve o monstro, que ia de facto se casar com a sua cumplice. Mas enloqueceu, e está no hospicio, em Barbacena. A sua loucura — e o seu vigario accentuava as palavras — é simples. A féra lê romances, e adora *A Dama Das Camelias*. Faz sonetos. E' futurista... Gosta dos luares, e canta, com boa voz. E' capitalista, emfim...

—Mas é louco, não?...

—Sim, é louco. O seu vigario continuou:

—Logo na casa da tragedia notaram que o ramilhete de rosas, sob o retratoda Esther, não murchava. Estava vivo, orvalhado, sorrindo. O retrato se tornara doce, palpitante, como se a morta resuscitasse na moldura. Era o milagre! As flores, que trouxeram a morte para a minha afilhada, agora lhe cantam, na sua eterna frescura, os louvores do céu. A minha afilhada é a Santa das Casadas Infelizes! Eu trouxe então para aqui o retrato e as flores, que você ahi vê. Estão aqui ha dois annos...

Uma pobre mulher, uma sombra chorosa, entrou, e se ajoelhou deante da Santa. Ficou ali, de mãos postas, rezando, pedindo certamente paz e doçura para o seu lar afflicto... O silencio vivia, ardendo como a chamma muito branca de uma vela immortal, accesa nas traves do mundo.

CONSERVAÇÃO DOS LIMÕES

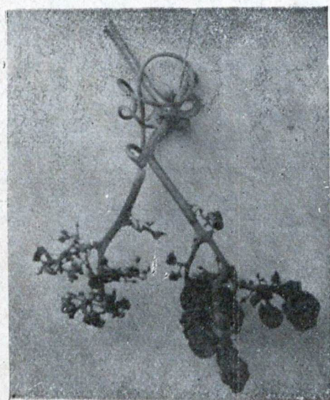
As nossas quitandeiras usam conservar os limões em caixões com areia secca do rio. Um excellente processo é mergulhar os limões numa solução de 5 % de borax, durante 5 minutos, a uma temperatura de 28-29º centigrados. Com este processo os limões conservam-se dois mêses, segundo experiencias feitas em Nova Galles do Sul, pela Wyong Packing House.

CONSERVAÇÃO DOS OVOS

Entre os melhores processos para conservar os ovos o seguinte offerece grandes vantagens: Dissolvem-se 650 grs. de silicato de sodio em 350 grs. de silicato de potassio em 10 litros de agua previamente fervida. Deixa-se esfriar. Põem-se os ovos num recipiente, alguidar, panela barril. Sobre elles despeja-se a solução, de modo a cobrir os ovos ficando a agua uns 10 centimetros sobre o nivel dos ovos, pondo-se após o recipiente em logar fresco.

HYGIENE DAS VIDEIRAS

Para manter sempre sadio o parreiral é indispensavel durante a vegetação pulverizal-o contra as molestias cryptogami-

cas. No outomno cortam-se e queimam-se os ramos doentes.

No inverno raspam-se os troncos e galhos com luvas ou escovas de aço e pincella-se a seguir com uma solução de 50 % de sulfato de ferro em agua quente, addicionando-se 5% de acido sulfurico. O melhor tempo desta operação é um mês mais ou menos antes da brotação.

CONTRA O PIOLHO DAS ROSEIRAS

Livram-se as roseiras dos piolhos, pulverizando os orgams atacados com uma solução de sabão preto a 2%, a qual se applica com seringa.

O tratamento repete-se, cada semana, até a extincção dos parasitos.

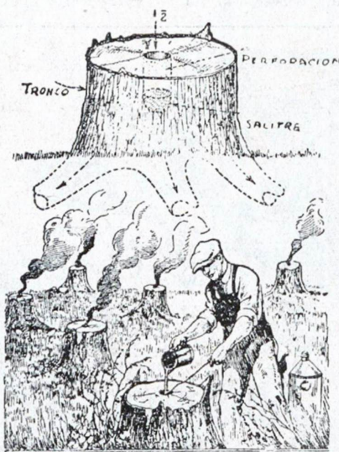
Durante o inverno as roseiras devem ser cuidadas, revestindo-se-lhes os galhos com uma [illegible]ada de cal ou melhor, usando a seguinte formula:

Agua	10	litros
Cal	1	kilo
Sulfato de ferro	600	grs.

METHODO SIMPLES DE QUEIMAR TRONCOS

Quando se limpa um terreno de matta, para fins agricolas, precisa ter-se o solo livre de troncos, assim como de raizes. Por mais que os troncos sejam arrancados com cuidado, algumas raizes sempre ficam.

Um bom methodo, o mais seguro, facil e economico, é queimá-los com auxilio do salitre. Para tal se conseguir é preciso que o salitre penetre no amago do tronco.

Durante o verão, abre-se um buraco de uns 10 cents. de diametro e 10 de profundidade no centro do tronco e nelle se colloca tres colheres de salitre. Tapando-se orificio com um torno de madeira, o salitre penetra pouco a pouco até a extremidade das raizes.

Durante o verão seguinte, tira-se o torno, põe-se kerozene e deita-se fogo ao tronco. Este queima lentamente, porém com segurança e durará o fogo até extinguir-se o ultimo pedaço de madeira.

CONTRA O INIMIGO DOS MORANGAES

O principal inimigo do morangueiro é a rosca ou larva do besouro. Este insecto, cuja larva é muito gulosa de suas raizes, deposita os seus ovos de preferencia nos taboleiros tapetados de morangueiros. Conhece-se que a rosca come as raizes da planta quando as folhas começam a murchar sem causa apparente.

Neste caso cava-se em volta do pé e mata-se a larva; se a planta não estiver muito damnificada, chega-se-lhe terra em roda e rega-se. Outro meio facil de dar caça a esta larva consiste em plantar alface no meio do morangal. A larva prefere a raiz da alface e quando esta começar a murchar escava-se até encontrar o bicho e esmaga-se.

Os ratos e outros roedores tambem comem o fruto: da-se-lhes caça armando ratoeiras. Os caracóes e as lesmas são igualmente gulosos dos frutos; de manhã cedo procuram-se e matam-se.

Outra doença muito commum, é causada por uma cryptogamica (Sphaerella fragariae) que se manifesta com pequenas manchas avermelhadas sobre as folhas, cujo centro adquire em seguida uma cor cinzenta que secca deixando um buraquinho.

No caso de uma forte invasão, convem, depois da colheita dos frutos, cortar todas as folhas e queimá-las.

Para que as plantas não estranhem esta operação, dá-se-lhes uma bôa adubação com terriço.

Baroni e Guercio aconselham regar as folhas doentes com a seguinte composição;

	Kilos
Sulfato de cobre	0,5 a 0,7
Soda crystallizada	0,7 a 1
Agua	100

A PHARMACIA NA HORTA

Não devem faltar na horta alguns vegetaes de virtudes medicas incontestes, como o guaco, a losma, a tanchagem, o funcho, o coentro, a camomilla arruda, a alfazema, etc. Na impossibilidade de uma nota extensa, vamos tratar somente da:

Arruda, *arruda officiai*, planta que fazia parte do desmoralizado arsenal dos feiticeiros. Goza de propriedades diureticas, sudorificas e insecticidas. Semea-se de outubro a dezembro, e no outomno transplanta-se.

Camomilla commum, de acção digestiva, estomacal, calmante e tonica. Semea-se em outubro. Faz-se a colheita das flores, quando estão bem abertas.

Losma, *Absinthio official*, estomachica, febrifuga e diuretica. Semea-se de setembro a outubro, em viveiros, e transplanta-se em março. A colheita é feita no segundo anno, cortando-se os talos a 5 ou 6 centimetros do solo e deixando-se seccar em logar arejado e enxuto.

Hortelã pimenta, de largo emprego como condimento e optima para as desordens intestinaes, gargarejos, etc. Semea-se em março, em sulcos espaçados de 50 centimetros. A cultura não exige outro cuidado a não ser conservá-la limpa das más hervas.

PLANTAS EM VASOS

Na cultura das plantas em vaso, não é raro ver-se plantas com proporções avantajadas, em vasos pequenos, relativamente inapropriados, com evidente prejuizo para o desenvolvimento vegetativo. Deste modo, é necessario mudar a terra de vez em quando, empregando continuamente uma razoavel dosagem de adubos.

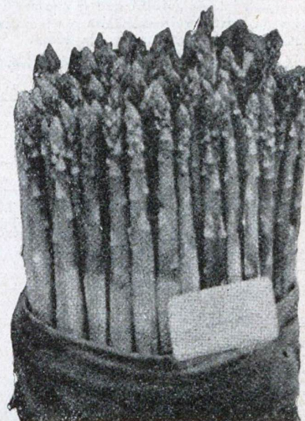
BATATA E TOMATE NA MESMA PLANTA

Pode-se, recorrendo á enxertia herbacea, obter tomates e batatas duma só planta.

Enxerta-se na batateira, num dos seus ramos principaes, uma haste do tomateiro e pegado o enxerto, veremos a planta florescer e dar frutos. Terminada a frutificação, teremos, no solo, os tuberculos da batata.

E' claro que isto é apenas uma curiosidade, sem caracter pratico.

CULTURA DOS ASPARGOS

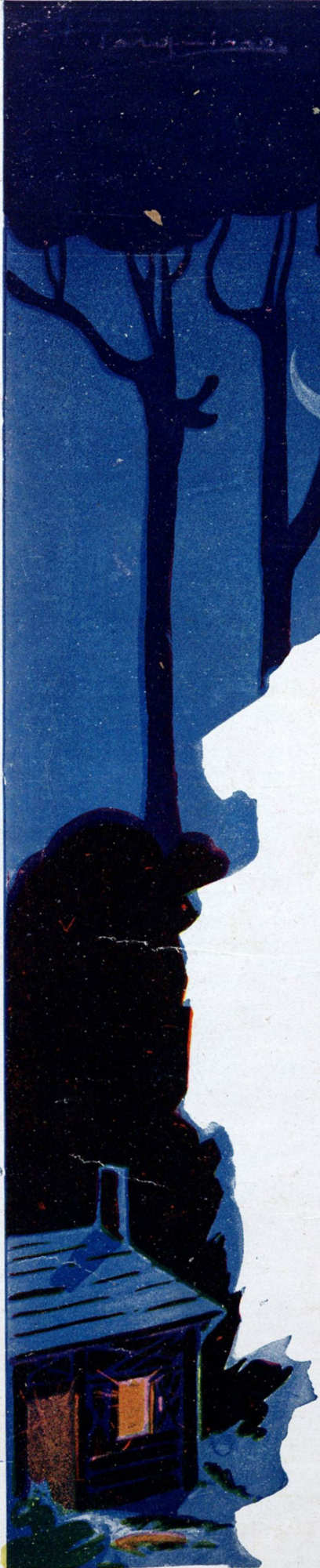
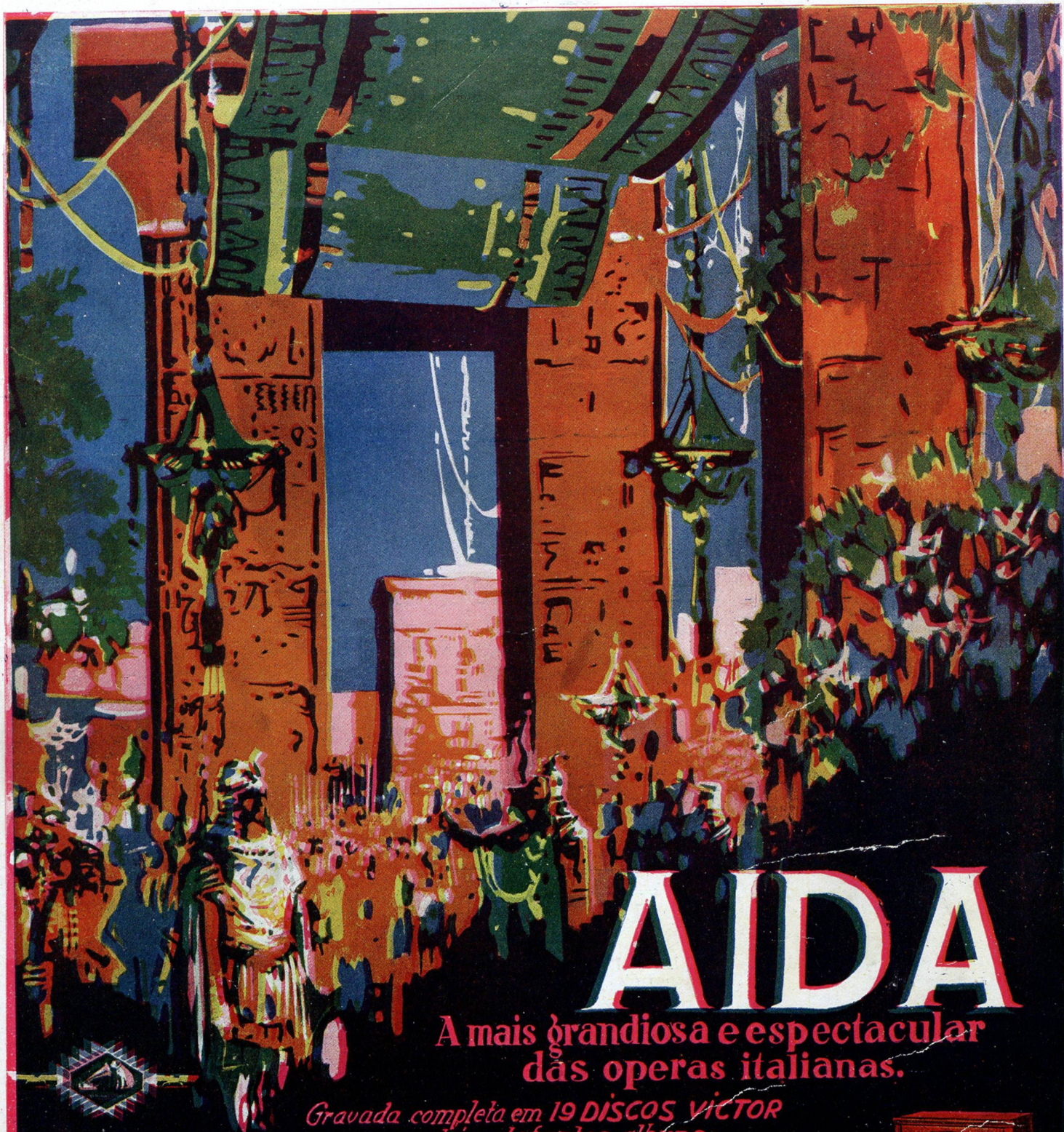
E' bem facil e lucrativa a cultura dos aspargos. Esta planta horticola dá-se bem em todos os terrenos, desde que não se-

Um molho de bons aspargos

jam impermeaveis. A terra melhor é a areenta.

Depois de bem cavado o terreno, a uma profundidade de 50 centimetros pelo menos, mistura-se com a terra adubo de curral, bem curtido e abrem-se sulcos de 10 centimetros de profundidade e a distancia de 80 centimetros uns dos outros, deitando uma camada do estrume bem consumido.

Marca-se em seguida o logar que as cepas devem occupar á distancia de 80 cents. e nos sitios que se deve plantar as cepas, fez-se um monticulo de terra de 5 cents. sobre o qual se colloca a referida cepa, cobrindo-se depois com terra, de modo que não fique enterrada a mais de 5 cents. e rega-se. No primeiro anno não é preciso mais do que sachar o terreno, limpa-lo das ervas damninhas e regá-lo quando estiver secco.

No fim do outomno cortam-se todas as hastes ao nivel da raiz. No inverno estruma-se, tendo o cuidado de não ferir as raizes e durante o verão faz-se o mesmo tratamento do primeiro anno.

POLLAH
FALAR DE BELLEZA A UMA MULHER E' INTERESSA-LA PROFUNDAMENTE. "FOLLAH" — TORNA A CUTIS SUAVE E FRESCA, TANTO SOB A LUZ SOLAR COMO A' CLARIDADE DAS LUZES NOCTURNAS.
O BRILHO DA BELLEZA SE IRRADIA TODO DE UM ROSTO CUJA FORMOSURA PROVE'M DE UMA EPIDERME FRESCA E IMPECCAVEL.
"POLLAH" — LHE DARA' A' CUTIS A TRANSPARENCIA E O AVELLUDADO DA IDADE PRIMAVERIL.
O CREME FOLLAH encontra-se em todas as principaes perfumarias do Brasil. Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o endereço aos representantes da AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana de Belleza) — Rua do Riachuelo, 144 — RIO DE JAÑEIRO
Caso o seu fornecedor não tenha o CREME POLLAH, remetta-nos 8$000 fazendo sentir que viu o nosso annuncio em O CRUZEIRO e pela volta do correio receberá um pote de CREME POLLAH, devidamente registrado e livre de porte. Escreva com clareza o nome—Rua—Cidade e Estado.
VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS

AIDA
A mais grandiosa e espectacular
das operas italianas.
Gravada completa em 19 DISCOS VICTOR
em dois elegantes albuns.
Ouçam esta opera na
ELECTROLA
ou na
VICTROLA ORTHOPHONICA
ELECTROLA VICTOR
E-35
Preço 3:750$
DISTRIBUIDORES GERAES:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
OUVIDOR, 98
RIO
S. BENTO, 35
S. PAULO
VICTROLA ORTHOPHONICA
V-30
Preço 1:700$